

A LENDA DE S. TOMÉ APÓSTOLO E A EXPANSÃO PORTUGUESA

É conhecida a importância que a Idade Média atribuiu aos túmulos dos Apóstolos como lugar de peregrinação, e o papel que desempenhou a posse das suas relíquias nas surdas querelas de primazia entre sés episcopais. Basta recordar que o bem conhecido Diogo Gelmirez, arcebispo de Compostela (1110-1139), chegou a reivindicar a autonomia da sua Sé, e uma quase-igualdade com o Papa a título de possuir os restos de Santiago como Roma possuía os de Pedro e Paulo. Aliás talvez não tenha sido por mero acaso que na mesma Roma a sede do papado se haja transferido da primitiva catedral de S. João de Latrão para o Vaticano — onde a deve ter atraído a tumba do Príncipe dos Apóstolos.

O túmulo de S. Tomé na Índia viria assim a ter para os Portugueses, como tinha para os cristãos nativos, uma importância relevante. Qual, a seu tempo o veremos, no transcurso deste artigo. Daí o grande empenho posto pelos Portugueses de Quinhentos, primeiro em localizar a tumba do Santo Apóstolo, depois em provar a sua autenticidade, implícita ou explicitamente contra um sepulcro concorrencial, venerado em Edessa, na Alta Mesopotâmia.

Desde essa época que o problema da historicidade do apostolado do Dídimo no Hindustão, e o da genuinidade do seu túmulo, há muitos séculos venerado em Meliapor, na costa do Coromandel, têm feito correr rios de tinta. Não pretende o presente estudo constituir nem uma achega nem um compêndio de tal debate, mas tão somente uma resenha da história da tradição a S. Tomé concernente — sem o que se torna impossível interpretar quer o que sobre o tema escreveram os nossos clássicos, quer a própria atitude dos poderes públicos para com o monumento de Meliapor. Independentemente do fundamento histórico que possa conter, a lenda, até pela influência que teve, merece um estudo!

I

A lenda de S. Tomé e as origens da cristandade da Índia

Sic Deus et reliquis tribuens pia munera terris,
 Sparsit ubique loci magnas sua membra per urbes:
 Sic dedit Andream Patris, Ephesoque Johanem,
 Ut simul Europam atque Asiam curaret in illis,
 Descuteretque graves per lumina tanta tenebras.
 Parthia Matthaeum complectitur, India Thomam,
 Lebbaeum Libves, Phryges accepere Philippum,
 Creta Titum sumpsit, medicum Boetia Lucam.

S. Paulino de Nola (343-431),
*Carmen XI in S. Felicem*¹

Tudo leva a crer que a existência de pequenas comunidades cristãs na Índia remonte a uma época remotíssima, provavelmente aos tempos apostólicos.

A tradição que desde o século IV prevalece na literatura eclesiástica, siríaca, grega ou latina, quer que tenha sido Tomé, um dos Doze, o Apóstolos do Índios.

É verdade que alguns escritores como Orígenes² (c. 185-255), Eusébio de Cesareia³ (c. 265-346), Rufino de Aquileia⁴ (345-410) e Sócrates⁵ (c. 380-450), apenas referem o apostolado de S. Tomé

¹ P. L., vol. LXI, col. 513-514 (Poema XIX). Pode traduzir-se assim:

«Assim pois Deus, pios dons doando às demais terras,
 De toda a parte pelas urbes magnas espalhou seus membros:
 E assim deu André a Patras, a Éfeso João,
 Para da Ásia e da Europa, ao mesmo tempo, neles cuidar,
 E dissipar por tamanhos luminares as densas trevas.
 Abraça a Pártia a Mateus, a Índia a Tomé;
 Os Líbios Lebeu, os Frígios receberam Filipe,
 Creta tomou Tito, a Boécia o médico Lucas».

Para evitar repetições vão as várias fontes de que nos servimos indicadas nas notas de pé de página, devendo o leitor procurar ao fim do artigo, no repertório alfabético das fontes, a referência completa.

² *Homília sobre o Genesis*, III, 27, P. G. XII, col. 91-92: «... espalhando-se por toda a terra habitada os apóstolos e discípulos de nosso Salvador, recebeu Tomé em quinhão, segundo reza a tradição, a Pártia, André e Cítia ...».

³ *História Eclesiástica*, III, 1, 1, p. 97.

⁴ *História Eclesiástica*, liv. I, cap. IX; P. L. XXI, col. 478.

⁵ *História Eclesiástica*, I, xix, P. G. LXVII, col. 125-126.

na Pártia — isto é, no Irão, então dominado pela dinastia dos Arsácidas (247 A.C. - 266 A.D.), que estendia, aliás, os seus domínios até aos confins da Índia.

Outros, porém, como o anónimo redactor da Doutrina dos Apóstolos (c. 250), S. Efrém de Nisibis⁶ (c. 306-373), S. Gregório Nazianzeno⁷ (c. 329-390), Santo Ambrósio⁸ (c. 333-397), Cirilonas⁹ (fins do séc. IV), S. Jerónimo¹⁰ (c. 342-419), S. Gaudêncio de Brescia¹¹ († 410 a 427), S. Paulino de Nola¹² (353-431), Jacob de Sarug¹³ (c. 451-521), S. Gregório de Tours¹⁴ (538-594), S. Isidoro de Sevilha¹⁵ (560-636), etc. mencionam expressamente a Índia entre as regiões visitadas pelo Apóstolo. Tal é igualmente, tanto quanto se consegue remontar no tempo, a tradição popular entre as comunidades cristãs do Malabar, embora, como veremos, não seja tão fácil como parece coaduná-la com a tradição livresca ocidental.

Infelizmente os testemunhos são demasiado sucintos para que seja azada a sua crítica interna ou se possa ao menos discernir em que medida se repetem uns e outros ou representam pelo contrário, tradições independentes. O testemunho de Santo Efrém — que canta a glória de Tomé «que espalhou a claridade da fé entre a gente escura das Índias» — é um dos mais antigos e convencedores, mas, infelizmente, poético e quase desprovido de conteúdo concreto. O dos outros autores é, em geral, de extremo laconismo. Sirva de exemplo o de S. Ambrósio¹⁶:

⁶ *Carmina Nisibena*, hino 42. Damos no capítulo seguinte a tradução parcial deste texto. Cf. um hino seu que passou a liturgia síria, citado por Hambye (cf. *infra*, nota 32).

⁷ *Oração 33 contra os Arianos*; P. G. XXXVI, col. 226-227: «Que há de comum entre Paulo e os gentios, Lucas e Acacia, André e o Epiro, João e Éfeso, Tomé e a Índia, Marcos e a Itália?»

⁸ *In Psalmum XLV Enarratio*, 21; P. L. XIV, col. 1145.

⁹ *Carmen de Hunnis* (IV), 16, cit. por Ortiz de Urbina, *Patrologia Syriaca*, p. 38.

¹⁰ *Epístola a Marcelo*, n.º 59; P. L. XXII, col. 589.

¹¹ *Sermo XVII, de diversis capitulis septimos*; P. L. XX, col. 962-963.

¹² Cf. *supra*, nota 1.

¹³ *Homilias* 99 e 100, cit. por Ortiz de Urbina, cf. *supra*, nota 9.

¹⁴ *De Gloria Martyrum et Confessorum libri III*, liv. I, cap. XXXII, pp. 70-72.

¹⁵ *De Ortu et Obitu Patrum*, cap. LXXIV (cf. também cap. LXXV); P. L. LXXXIII, col. 152.

¹⁶ Cf. *supra*, nota 8.

«... para que convenientemente por todo o orbe fossem enviados os Apóstolos — conforme o que disse o Senhor Jesus: 'indo ensinai todos as gentes' — até os reinos separados por barbáricos montes se lhes abriam, como a Tomé a Índia e a Mateus a Pérsia ...».

O mais antigo dos textos que referem o apostolado de Tomé na Índia e o único que fornece pormenores é, desgraçadamente, de cunho vincadamente lendário: é o dos apócrifos *Actos de Tomé*, redigidos em siríacos, ao que parece na região de Edessa, nos primeiros decénios do século III, e logo traduzidos em grego¹⁷. Trata-se de uma variante cristiano-gnóstica do romance helenístico-oriental, de certo interesse literário pelos hinos místicos e orações que contém — sobretudo o *Hino da Pérola*, jóia da literatura siríaca — mas de conteúdo em grande parte fantasioso. Como em toda a tradição gnóstica, Tomé aparece como receptáculo de revelações especiais, de carácter esotérico — por certo devido ao sobrenome de Dídimos, «o gémeo», que lhe dão os Evangelhos, que deu origem à crença de que Tomé fosse irmão gémeo de Jesus¹⁸.

A história transmitida pelos *Actos* pode resumir-se assim: quando se tratava de repartir entre os Apóstolos o mundo a evangelizar, caiu a Tomé em sorte a Índia. Tal como outrora o profeta Jonas, Tomé furtara-se, todavia, alegando que era hebreu e se sentia incapaz de ir para tão longe viver entre gentios. Esta hesitação havia de servir de pretexto a João de Barros¹⁹ — que assim, sem a citar, mostra conhecer a lenda — para um elogio rasgado aos Portugueses que não temeram ir levar o Evangelho onde o próprio Apóstolo receara ir ...

Quando chegou a hora de os Apóstolos enfim se dispersarem para anunciar a Boa Nova a toda a terra, Jesus mostrou-se a Tomé e persuadiu-o a aceitar a missão. Como tivesse entretanto vindo a Jerusalém um certo Habban²⁰, agente do rei Gundaphar da Índia,

¹⁷ Ver na bibliografia que vai ao fim, s.v. *Actos de Tomé* as edições de que nos servimos.

¹⁸ Nessa crença embarcou inclusivamente Santo Isidoro de Sevilha como veremos mais abaixo.

¹⁹ *Ásia*, Década I, livro VI, cap. 1.º. Doravante citaremos as Décadas de Barros e Couto apenas pelo número da década, o livro e o do capítulo (I, vj, 1 neste caso).

²⁰ Αββανής na versão grega.

em busca de um bom carpinteiro para o seu soberano, Jesus, que encontrou no mercado, vendeu-lhe Tomé como escravo por três arráteis de prata — entregando contudo ao discípulo para as suas despesas o preço da venda.

Chegados a Andrópolis, a capital de Gundaphar, logo Tomé foi convidado para as bodas da filha única do Rei, onde cantou um belo epitalâmio de sabor gnóstico, após o que foi convidado a abençoar os noivos. A estes se mostrou pouco depois o próprio Cristo, persuadindo-os à continência; mas a Cristo tomaram os noivos por Tomé, pois eram perfeitamente iguais, como se poderia esperar de irmãos gémeos...

Entretanto Tomé aceitara a incumbência de construir para o soberano um palácio — mas na realidade passou o seu tempo a pregar, gastando em esmolas a totalidade das verbas que para a construção lhe entregara o soberano. Quando este se apercebeu do engano, Tomé explicou-lhe que erguera pela doutrina um palácio nos céus — resposta que lhe valeu a masmorra. Mas Gad, o irmão de Gundaphar, viu numa visão o edifício celeste e não só exigiu ser baptizado como persuadiu seu real irmão a libertar Tomé.

A fama do Apóstolo espalhou-se pelas redondezas e Mazdai²¹, um rei vassalo de Gundaphar, chamou-o para que libertasse do demónio que as afligia sua esposa e sua filha. Tomé fê-lo, mas tendo-as convertido e exortado à continência, voltou a incorrer na ira régia. Liberto miraculosamente da prisão foi, contudo, perseguido pelos soldados do rei, que o trespassaram com uma lança; e assim padeceu martírio e deixou o mundo — não sem primeiro ter organizado a comunidade e ordenado os primeiros clérigos da Índia.

Sucedeu que passado algum tempo foi a vez do filho de Mazdai ter problemas com os demónios e não se achar ninguém poderoso para o curar. Lembrou-se o rei de ir ao túmulo e tocá-lo nos nossos do Apóstolo — mas nada achou, porque os discípulos haviam roubado e levado para as partes do Ocidente o corpo. Contentou-se, por isso, com tomar pó e terra da tumba — o que foi bastante para curar o filho e confirmar na fé o pai.

Notemos, de passagem, que o uso de tomar como relíquia terra da sepultura de S. Tomé se perpetuou de geração em geração

²¹ Μισδαίος na versão grega, *Misdaeus* na latina.

entre os cristãos da Índia. Alude-lhe, já em 1293 Marco Polo²² e no século seguinte Frei João de Marignoli²³, que por lá passou em 1349; e por 1515 ou 16, o nosso Duarte Barbosa²⁴. Em 1501, conforme testemunha a *Carta de D. Manuel aos Reis Católicos*, os primeiros cristãos indianos que vieram a Portugal trouxeram-lhe também como dom precioso alguma «terra de sua sepultura»²⁵.

A lenda de S. Tomé, como no-la contam os *Actos*, com maiores ou menores variantes, expurgada em geral da maior parte dos discursos e passos de sabor gnóstico, repete-se na literatura eclesiástica siríaca, grega e latina, praticamente até aos nossos dias. Em latim há duas versões, que devem remontar aos séculos IV-V: o *De Miraculis Beati Thomae*, mais próximo dos textos grego e siríaco, e a *Passio Sancti Thomae Apostoli*, que deles se afasta um pouco, sobretudo no que respeita ao martírio e morte do Santo. É, com pouca diferença, a história da *Passio* que se repete na versão portuguesa conservada num manuscrito alcobacense do séc. XV, bem como na que faz parte do *Flos Sanctorum*, impresso em Lisboa em 1513. Na versão em grego moderno publicada por Constantino Lukakis²⁷ em 1895 a narrativa tradicional reaparece, modernizada apenas em alguns detalhes: Tomé furta-se a ir à Índia não já por ser hebreu, mas essencialmente por serem os índios, além de idólatras «crus e bárbaros e tão pobres por serem muitos que andam nus, pelo que se fazem negros como Etíopes» — era portanto, o subdesenvolvimento o que o impressionava. E o roubo do corpo é omitido, conformando-se assim a narrativa com a tradição divulgada pelos Portugueses desde o século XVI, em como jazia em Meliapor, na costa oriental da Índia, o Coromandel.

²² Cap. CLXXVII (liv. III, cap. XXVII da edição portuguesa de 1502 feita sobre uma versão latina abreviada). Doravante citaremos o *Livro* de Marco Polo pelos capítulos da ed. francesa, dando entre parêntesis a referência à ed. portuguesa de 1502 quando esta contiver o cap. em questão. Neste caso portanto: CLXXVII (III, xxvij).

²³ A. van den Wýngaert, *Sinica Franciscana*, I, pp. 544-545; Yule, *Cathay and the way thither*, p. 374. Damos no capítulo seguinte a tradução deste texto.

²⁴ Pp. 354-355 da ed. da Academia, ver referência na lista das fontes que vai no fim.

²⁵ Vide lista de fontes.

²⁷ Μεγάλος Συναξαριστής, vol. II, 6 de Outubro, pp. 76 e seg. O *Sinaxário Arménio de Ter Israel* contém igualmente dois resumos da mesma história nos dias 12 de Navasard (22 de Agosto) e 27 de Hori (6 de Outubro), *P. O.*, t. 5, fasc. 3, p. 415 e t. 6, fasc. 2, p. 433, respectivamente.

A mesma tradição, por um ou outro modo derivada dos *Actos* ressoa nos textos litúrgicos para a festa de S. Tomé nos diversos ritos — a 3 de Julho nas igrejas sírias, 6 de Outubro nas de rito bizantino e arménio, para os Coptas 26 do mês de Baxens (pelos etíopes designado por Genbôt), correspondente a 21 de Maio do calendário juliano²⁸, 21 de Dezembro nos ritos latinos. Mais tradicional do que o Romano *Breviário Romano* saído da reforma tridentina, que da história de Tomé apenas alude ao que consta do Evangelho, o *Breviário Bracarense* conservou até aos nossos dias no ofício de Laudes de 21 de Dezembro²⁹ uma série de cinco antífonas extraídas de um texto muito afim da *Passio*. Eis a sua tradução, seguida da da Antífona *Ad Benedictus*, que recapitula a história:

«Apareceu a Tomé o Senhor numa visão nocturna dizendo: não temas, desce à Índia, que não te abandonarei».

«O rei, porém, rogava ao Apóstolo: peço-te, homem de Deus, que vás e abençoes o moço e minha filha».

«Vós, sede fortes e guardai o que recebestes, pois não vereis mais a minha face».

«Orava S. Tomé ao Senhor: olhai para mim Senhor, que vos invoco e vos requeiro às núpcias».

«Circundai hoje de vossa glória o vosso servo, ó Senhor Jesus Cristo».

«O Bem-aventurado Tomé, Apóstolo do Senhor, perseverando na paz de Cristo, percorreu a Índia; e como num templo a todos ensinasse o Evangelho de Cristo, foi coroado de martírio e alcançou o reino sempiterno».

²⁸ Vida *Sinaxário Etíope*, nono mês, Genbôt, dia 26; os pormenores da lenda de S. Tomé são aí algo diferentes dos das versões das demais Igrejas; mas as linhas gerais do enredo são idênticas. Cf. M. de Fenoyl, S.J., *Le Sanctoral Copte* (Recherches Publiées sous le Direction de l'Institut de Lettres Orientales de Beyrouth, tome XV). Imprimerie Catholique, Beirute (1960).

²⁹ *Pars Hiemalis*, pp. 950-951 da ed. de 1920. Os extractos da *Passio* que se liam a Matinas na Idade Média e aparecem ainda no breviário impresso de 1494 desapareceram com a reforma tridentina. Cf. Pedro Romano Rocha, *L'Office divin au Moyen Âge de l'Eglise de Braga — Originalité et dépendences d'une liturgie particulière au Moyen Âge*, Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1980, p. 373; *Breviário Bracarense de 1494, reprodução em fac-símil do exemplar da Biblioteca Nacional com introdução de Pedro Romano Rocha*, Imp. Nac.-Casa da Moeda, Lisboa, 1988, pp. 646-648.

Nas outras liturgias ecoam também aqui e além reminiscências da lenda transmitida pelos *Actos*. Assim por exemplo no rito bizantino. Nas primeiras vésperas da festa de 6 de Outubro um *sticheron* parece querer aludir ao hino da pérola:

«Como a uma pérola, do abismo da confusão do mundo te pescou o Cristo filantropo; enriquecendo por teu meio os indigentes, mergulhados na penúria dos horrores, ó Apóstolo Tomé: por isso te felicitamos e tua festiva memória celebramos com louvores, honrando-te piamente».

Outro alude ao apostolado de Tomé na Índia, apresentando-o ao mesmo tempo como receptáculo da sabedoria divina — tema que os gnósticos, como é sabido, desenvolveram até ao extremo, colocando sob o nome de Tomé o Evangelho apócrifo em que melhor se expõem as suas doutrinas.

«Dos Índios iluminaste a terra inteira, ó sacratíssimo apóstolo que contemplastes a Deus; e a todos tendo iluminado, apartaste os filhos da luz e do dia, ó sábio pelo Espírito; destruiste os templos idolátricos, erguendo pela graça igrejas, para glória e louvores de Deus, ó bem-aventurado embaixador das nossas almas».

E no ofício de Matinas a longa leitura do Sinaxário (correspondente à do Martirológio dos ritos latinos, ou às lições históricas do segundo nocturno das festas) conta o episódio, de sabor vinadamente encratita, das bodas de Andrópolis, em que Tomé exortou os noivos à continência. Por demasiado longa deixamos de o traduzir, limitando-nos a citar os versículos que a precedem:

«Aquele que outrora para meter a mão no Teu lado te rogou, Tomé, por ti é ferido no seu lado, Ó Verbo! Com longas lanças Tomé foi trespassado, a seis do mês».

«Este, tendo anunciado a palavra do Senhor aos Partos, aos Persas e aos Índios, foi preso por ordem del Rei Esmideu, por lhe ter baptizado seu filho Azanes, sua mulher Tércia e suas filhas Migdónia e Narca; pelo que foi entregue a cinco soldados, os quais, após o terem feito subir a uma montanha, o feriram com lanças e assim partiu para o Senhor»³⁰.

³⁰ Μηναιτου τοῦ ΟΚτωβρίου *sub die* 6 (ed. de Atenas, 1970, pp. 52-59).

A Idade Média ocidental, com base nas mesmas tradições, brindou Tomé com uma sequência, composta no Mosteiro de Münsterbilsen, e conservada em Bruxelas num manuscrito do século XV³¹.

*Sanctae Thoma princeps mundi
Fac me quales non confundi
ob culparum gravitatem;
Fac me tua dignitatem
Digne semper exaltare
et devote invocare
Christum tantum dilexisti,
mori secum quod cupisti
dicens «et nos gradimur».
Exquiris nec prius scitam
Viam veritatem vitam.
Non credendo Christi miris,
veram vitam experiris
tangendo humanitatem
es confessus deitatem
inde nobis fortitudo
crescit et beatitudo
Veritatem sic expertus
hinc fis Christi testis certus
magnus mundo predicator
Trium regum baptizator
Commendaris Christi ore
te fidelem servum fore
Nam, quid lucrum acquisisti
totum Christo attulisti.
Contemplator o celestis
tu in nuptiarum festis
semper coelum intuendo
nil edendo vel bibendo
tue carnis es afflictor
castitatis benedictor
es in donis thesaurorum
pius pater egenorum.
Es palatii fundator
fratris regis suscitator
ipsum regem sic repente
acquiris cum ipsa gente.
Omnes egros sic sanando
transis inde perforaris*

São Tomé senhor do mundo
acode-me que me confundo
das culpas pela gravidade;
faz-me à tua dignidade
devotamente invocar
e dignamente exaltar
Só a Cristo tu amaste
com Ele morrer desejava
pois disseste «eia, vamos,
e junto com ele morramos».
Buscavas a não sabida
Verdade, caminho e vida.
Em maravilhas não crente
Mas da vera vida experiente
tocando a humanidade
confessaste a divindade
donde nos vem segurança,
cresce a bem-aventurança.
Da verdade assim experto
dás um testemunho certo
a todo o mundo pregaste
e a três reis baptizaste
Foi Cristo mesmo a dizer
quão fiel tinhas de ser
pois tudo quanto lucraste
tudo a Cristo o entregaste.
Celeste contemplador,
nas bodas entre o rumor
sempre para o céu atendendo
nada comendo ou bebendo,
a tua carne vencendo
e à castidade benzendo.
De tesouros doador,
dos pobres pai protector,
do palácio fundador,
do irmão do rei salvador
assim ao rei de repente
ganhaste com sua gente.
Muitos doentes sarando

³¹ Alb. Poncelet, S.J., «Hymni, sequentiae aliaque carmina sacre hactenus inedita», in *Analecta Bollandiana*, vol. 6, 1887, pp. 403-404.

*lanceis post perforaris
 et sic martir coronaris;
 errorum tu es contemptor;
 perfidorum tu peremptor;
 nam nunquam in civitate
 qua jaces in veritate
 vivit quis hereticorum
 judeorum paganorum.
 Digitis cum quibus Christi
 sacrum latum tetigisti
 sacramentum prebes dignis
 denegando hoc indignis;
 at hoc fit in manifesto
 omni anno tuo festo
 vere signum tale tuum
 nunquam fit per quemquem sanctum.
 O mi princeps tam preclare,
 preelecte, mihi care,
 quamvis sim peccator totus
 tibi tamen sum devotus
 te honoro teque amo
 te requiro at te clamo
 Firma me in castitate
 fide, spe et caritate
 fac me Deo sic servire
 nec contingat me perire
 duc per viam veritatis
 me ad vitam claritatis
 statim cum amittam flamen.
 Deus verus det hec. Amen.*

atravessaste pregando;
 por lanças depois furado,
 como mártir coroadado
 dos erros desprezador
 e dos ruins destrutor
 naquela mesma cidade
 em que jazes na verdade
 não deixas vives sandeu
 gentio, hereje ou judeu
 com os dedos que hão tocado
 de Cristo o lado sagrado
 dás o sacramento aos dignos
 e recusa-lo aos indignos.
 Isto é cousa manifesta
 cada ano em tu festa.
 Prodígios e sinais tais
 nenhum santo os fez jamais.
 Ó meu príncipe preclaro,
 ó meu dilecto, ó meu caro,
 inda sendo pecador
 quero ser um teu cultor
 a ti venero, a ti amo,
 a ti procuro, a ti clamo
 Firma-me na castidade,
 na fé, na esperança e caridade
 faz-me a Deus obedecer,
 não me deixes perecer;
 pela via da verdade
 conduz-me p'ra a claridade,
 quando o sopro se apagar
 assim Deus mo queira dar!
 Amen.

As últimas estrofes aludem a um milagre póstumo que se operava anualmente aquando da festa do santo, junto à sua tumba. Dele voltaremos a falar na devida altura. O resto não é mais do que uma súmula em verso da história que nos contam os *Actos*.

Durante muito tempo a narrativa foi tida pelos críticos como inteiramente lendária³². Em 1833, porém, Charles Masson descobriu

³² Sobre a existência ou inexistência de um fundo histórico nos *Actos*, vide Ortiz de Urbina, *Patrologia Syriaca*, pp. 37-41; João Baptista Amancio Gracias, *Origens do Christianismo na Índia* (memória apresentada ao Congresso Colonial Nacional), Sociedade de Geografia, Lisboa, 1903; J. N. Farquhar, «The Apostle Thomas in North India» in *Bulletin of the John Rylands Library*, Manchester, vol. 10, 1926, pp. 80-111; A. E. Medlycott, bishop of Tricomia,

em escavações em Begram, no Afeganistão, moedas cunhadas em nome de Gondapharnes, que veio a provar ser um dos reis Çakas-Citas que empurrados por várias movimentações de povos na Ásia Central penetraram no século I a. C. na Partia, passando no século imediato ao Gandhâra, nos confins da Índia com o Afeganistão e estendendo em seguida o seu domínio sobre todo o Nordeste do Hindustão. Achados de outras moedas e de inscrições vieram mostrar que Gundaphar reinou de 19 a 45 A. D., logo, exactamente no período em que pode ter tido lugar o apostolado de Tomé; mostraram, igualmente a historicidade de um outro personagem dos *Actos*, Gad, irmão do Rei. Quanto a Mazdai — nome de consonância persa — pode ser o de algum sátrapa iraniano do reino Çaka.

A história das aventuras apostólicas de S. Tomé, nas suas grandes linhas pode, pois, não ser destituída de fundamento histórico. Aliás, por muito romanceada que seja nos *Actos* a narração do apostolado de Tomé, não faria sentido colocá-la na Índia se na Índia não tivesse nunca havido cristãos.

A principal dificuldade vem do facto de se não terem até hoje achado no que foram domínios dos Çakas vestígios de comunidades cristãs, enquanto que no Sul da Índia, sobretudo na costa do Malabar e um pouco na do Coromandel, há uma presença cristã ininterrupta desde os primeiros séculos. Ora estas comunidades reclamam unanimemente a paternidade espiritual de S. Tomé e conservam numerosas tradições sobre o seu apostolado, milagres e martírio, que, não sendo contraditórias, estão longe de coincidir com a dos *Actos* e textos deles dependentes³³. Nomeadamente,

India and the Apostle Thomas, an enquiry, with a critical analysis of the Acta Thomae, Londres, 1905; Stephen Neill, *A history of Christianity in India — The beginnings to A. D. 1707*, Cambridge University Press, 1984, cap. 55, pp. 26 e seg.; Leslie Brown, *The Indian Christianity of St. Thomas, an account of the Ancient Syrian Church of Malabar*, Cambridge University Press, 2.^a ed., 1982, cap. II, pp. 43 e seg. Embora antiquadas têm pelo menos um valor histórico as dissertações publicadas em 1745 por João Facundo Raulin, em apêndice à sua tradição latina da *Jornada do Arcebispo* de Fr. António de Gouveia (v. a relação das fontes).

³³ Vide E. R. Hambye, S.J., «L'Apôtre Saint Thomas en Inde — Quelques Reflexions» in *L'Orient Syrien*, vol. VIII, fasc. 3.^o & 4.^o trim. 1963, Vernon, 1963, pp. 413-424; J. F. Farquhar, *op. cit.*, vol. 11, 1927, pp. 20-50. Cf. os trabalhos de Medlycott, Neill e Brown citados na nota precedente, onde se poderá achar bibliografia mais desenvolvida sobre o assunto. Não tivemos possibilidade de consultar a obra do Padre Mathias Mundadan, *Sixteenth Century traditions*

enquanto que nos textos siríacos S. Tomé, é, em regra, designado por Judas Tomé ou mesmo apenas Judas, na tradição da Índia Meridional é sempre simplesmente Tomé.

Atribui-se-lhe, em geral, a fundação de várias igrejas no Malabar — sempre em número de 7 como as do *Apocalipse*, e sempre incluindo as de Coulão e Palur, embora a enumeração das demais varie de versão para versão. Os milagres estão, em geral, relacionados, com a construção dessas igrejas; o mais famoso concerne um madeiro ingente, vindo de Ceilão, que ninguém, nem mesmo os elefantes, conseguia mover, mas o Santo rebocou, com o cinto da sua veste, para dele fazer trave de uma igreja. Atribui-se-lhe também a ressurreição do filho de um brâmane que o assassinou para acusar de assassinio o Apóstolo.

Atribuem-se-lhe por vezes viagens apostólicas a países remotos, *grosso modo* àqueles em que houve comunidades nestorianas, incluindo a China.

As várias tradições locais estão, contudo, de acordo em situar junto a Cranganor o primeiro desembarque de Tomé, vindo de evangelizar Socotorá — onde de facto, a existência de cristãos está atestada pelo menos desde o século V. A morte do Santo, atribuída a um fantástico precalço, é unanimemente colocada em Meliapor, na costa do Coromandel onde até hoje é venerado o seu túmulo: tê-lo-ia aí morto, por engano, um caçador, enquanto orava, em êxtase, metamorfoseado em pavão ...

É em extremo difícil descobrir qual o fundo de verdade que se possa ocultar em tradições pouco concordes e, para mais, transmitidas oralmente pelo menos até aos fins do século XIII, quando os primeiros viajantes europeus, como Marco Polo e João de Marignoli, em parte as anotaram³⁴; mas que só com os escritores

³⁴ Vide *supra*, notas 22 e 23. Na versão portuguesa do *Marco Paulo* falta a narração da morte do Santo.

of St. Thomas Christians, Bangalore, 1967, que recapitula as tradições recolhidas pelos escritores portugueses entre os cristãos do Malabar. O estudo de José Pereira da Costa, «Gaspar Correia e a lenda do Apóstolo S. Tomé» (pub. in *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa — Actas*, Estudos de História e Cartografia Antiga, n.º 25, Lisboa, 1985, pp. 851 e seg.) inclui um texto precioso, extraído das inéditas *Lendas do Reino* de Gaspar Correia, a *Inquirição de 1530* em que depuseram vários cristãos da Índia expondo as tradições locais. Ver ainda a introdução de David Lopes à sua edição da *Crónica* de Zinadim.

ultramarinos portugueses dos séculos XVI e XVII — Duarte Barbosa, João de Barros, Gaspar Correia, Damião de Góis e em especial Diogo do Couto, para não falar nos mais tardios — vieram a ser recolhidas em profusão e reduzidas à forma escrita. A excepção dos mais eruditos, como Barros e Couto, que dão mostras de conhecer a tradição livresca na linha dos *Actos* e da *Passio*, os nossos escritores quinhentistas atêm-se, em geral, à tradição oral que recolheram entre os cristãos do Malabar. O que nela há de mais curioso é que a morte do Santo Apóstolo não é aí imputada a martírio pela fé, mas a um fantástico precalço. A versão mais pura é a que nos é transmitida por Duarte Barbosa: «foy Sam Tomee ha pregar aqui ha fee de Xto e conuerteo a ela alguns; pelo que hos outros o perseguiaõ querendo-o matar e ele por isso se andaua apartado das gentes e metendo muytas vezes polos montes; e que hum dia andando hum caçador no monte com ho seu arco na mam, uio estar hũa grande soma de pauões juntos no chão e no meio deles hũ muy grande e fermoso, que estava pousado sobre hũa lágea; o caçador tirou a este e ho atrauessou pelo meio com ũa frecha e ele e hos outros se aleuantaram uoando no ar se tornou corpo de homem; o caçador o esteve oulhando muy espantado ate que o uio cair; então se foi caminho da cidade ha dizer tamanho milagre e como lhe acontecera: ho gouernador da cidade com outros senhores dela veio a ver onde o caçador lhe foy mostrar e acharam que era o corpo do bemaventurado Sam Thomé: tambem foram ver o lugar honde o ferio e acharão na lagea duas pegadas muy figuradas no meio dela, que ele fizera quando se alevantara ferido: quando eles viraõ tamanho milagre disserom 'uerdadeiramente este homem era santo e nós nom criamos' e antão ho trouxeraõ caminho do lugar e o vieraõ soterrar na dita igreja honde hoje em dia jaz».

A origem desta pitoresca história é fácil de descobrir. Trata-se de explicar o nome do lugar onde se diz jazer o túmulo do Apóstolo, Meliapor. O nome é em tâmule *Mayîlapûr*, correspondente ao sânscrito *Mayûrapura* que significa «cidade do pavão», como acertadamente nota o Padre Francisco de Sousa em fins do século XVII. Segundo a tradição hindu provém do nome da deusa protectora do lugar, Mayûrvalli, divindade do panteão vixnuíta. A lenda de S. Tomé representa a contrapartida cristã dessa tradição hindu. O seu carácter fantástico levou a maior parte dos europeus que a referiram a dulcificarem um tanto ou quanto a versão, dizendo

que o Santo foi morto por engano por um caçador de pavões achando-se em oração entre as ditas aves. É o que fazem na Idade Média Marco Polo e Marignolli e no século XVI Castanheda. Francisco de Sousa prefere dizer que foi a alma de S. Tomé que foi vista subir ao céu sob a forma de pavão, tal como outrora as de Santa Escolástica e de Santa Eulália subiram em forma de pombas³⁵.

Camões põe também a história de S. Tomé em rima nos *Lusíadas*, mas embora siga a versão malabar, com o episódio do brâmane infanticida e a lenda do madeiro, remata-a com um martírio propriamente dito, como na versão ocidental.

Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica;
os ídolos antigos adorava,
como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquele tempo estava,
quando a Fé que no mundo se publica,
Tomé vinha pregando e já passara
províncias mil do mundo que ensinara.

Chegado aqui, pregando e junto dando
a doentes saúde a mortos vida,
acaso traz um dia o mar vagando
um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o Rei que andava edificando,
fazer dele madeira; e não duvida
poder tirá-lo a terra com possantes
forças de homens, de engenhos, de alifantes.

³⁵ Duarte Barbosa, pp. 354-355; cf. João de Barros, III, vij, 11; Castanheda, I, lxj; Gaspar Correia, III, cap. xxvj de Nuno da Cunha, p. 419 e seg.; Damião de Góis, I, lxxix e xcviij; Diogo do Couto, XII, iij, 4 e 5; Francisco de Sousa, I p., conq. II, div. I, § 35. Ver ainda as *Inquirições* de 1530 e 1543; Francisco de Andrada, II, lxxj; António de Gouveia, I, j; a *Relação sobre a Serra*; e *Frei Paulo da Trindade*, II, 69, pp. 319 e seg.; Diogo do Couto, que depura a tradição local de todos os elementos fantásticos e procura reduzi-la a uma interpretação histórica racional parece colocar, correctamente, a morte de S. Tomé no período Çaka («aos trinta anos do reinado del Rey Xaga que o Santo Apostolo tinha convertido»); mas estaríamos então na Índia Setentrional... A *Enformação da christandade de S. Thome que estaa no Malavar* de 1577, tal como os *Manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa*, preocupam-se sobretudo com a história posterior da comunidade e apenas de passagem aludem a S. Tomé.

Era tão grande o peso do madeiro
que só para abalar-se nada abasta;
mas o nuncio de Cristo verdadeiro
menos trabalho em tal negócio gasta:
ata o cordão que traz por derradeiro
no tronco e facilmente o leva e arrasta
para onde faça um sumptuoso templo
que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com fé formada
mandar a um monte surdo que se mova
que obedecerá logo à voz sagrada,
que assim lhe ensinou Cristo e ele o prova.
A gente ficou disto alvoroçada;
os brâmenes o tem por cousa nova;
vendo os milagres, vendo a santidade,
hão medo de perder autoridade.

São estes sacerdotes dos gentios
em quem mais penetrado tinha enveja;
buscam maneiras mil, buscam desvios,
com que Tomé não se ouça ou morto seja.
O principal que ao peito traz os fios,
um caso horrendo faz que o mundo veja,
que inimiga não há, tão dura e fera
como a virtude falsa da sincera

Um filho próprio mata e logo acusa
de homicídio Tomé que era inocente;
dá falsas testemunhas como se usa;
condenaram-no à morte brevemente.
O Santo que não vê melhor escusa
que apelar para o Padre onnipotente
quer diante do Rei e dos senhores
que se faça um milagre dos maiores.

O corpo morto manda ser trazido,
que ressuscite e seja perguntado,
quem foi seu matador será crido
por testemunho o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo erguido ,
em nome de Jesus crucificado;
dá graças a Tomé que lhe deu vida,
e descobre seu pai ser homicida.

Este milagre fez tamanho espanto
que o Rei se banha logo n'água santa
e muitos após ele; um beija o manto,
outro louvor do Deus de Tomé canta.
Os brâmanes se encheram de ódio tanto,
com seu veneno os morde enveja tanta,
que persuadindo a isso o povo rudo
determinam matá-lo, em fim de tudo

Um dia que pregando ao povo estava,
fingiram entre a gente um arruído.
Já Cristo neste tempo lhe ordenava
que padecendo fosse ao céu subido.
A multidão das pedras que voava,
no Santo dá, já a tudo oferecido;
um dos maus, por fartar-se mais depressa,
com crua lança o peito lhe atravessa.

Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo,
chorou-te toda a terra que pisaste;
mais te choram as almas que vestindo
se iam da Santa Fé que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do céu, cantando e rindo,
te recebem na Glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajudas peças
Com que os teus Lusitanos favoreças.³⁶

Para além dos testemunhos portugueses esta tradição é referida em três textos redigidos no século XVIII por cristãos do Malabar — dois em siríaco, o terceiro em português³⁷. Mais impor-

³⁶ *Os Lusíadas*, X, 109-118. Contra a opinião de Jorge de Sena (*Estudos sobre o vocabulário de «Os Lusíadas» com notas sobre o humanismo e exotismo de Camões*, Lisboa, 1982, pp. 115 e seg.) o S. Tomé de Camões parece-nos muito mais o santo milagreiro da tradição popular local que o receptáculo de revelações secretas da tradição gnóstica.

³⁷ Em siríaco, a *Relação de Mateus*, presbítero jacobita do Malabar, de meados do séc. XVIII, e a *Carta de Mar Tomé*, bispo jacobita do Malabar ao erudito holandês Carlos Schaaf de Leiden, de 1721. Em português, uma memória sobre a cristandade de S. Tomé, redigida provavelmente por um clérigo malabar que veio a Portugal no tempo de D. Maria I, tratar assuntos da sua igreja e transmitida, com pequenas diferenças, por três *Manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa*, um dos quais foi publicado pelo P.^{re} Silva Rego. Deixamos de lado os documentos posteriores a 1800, como a *Memória sobre as origens do cristianismo na Índia* redigida em 1821 pelo bispo jacobita Abraão de Travancore, e publicada por Mingana, *op. cit.* (na relação das fontes), pp. 482 e seg.

tante, quiçá, é o testemunho de um poema malaiala sobre a vida de S. Tomé, o *Thomma Ramban Parvam*, cantado pelos cristãos locais nos casamentos. Na sua forma actual pode datar dos começos do século XVII, mas o núcleo temático é sem dúvida muito mais antigo.

Estas versões ignoram em geral a história de Gundaphar³⁸ e os demais elementos típicos da tradição sírio-greco-latina. Apenas uma canção ou poema composto em 1721, o *Margam Kali*, funde as duas tradições³⁹.

Como a tradição local do Malabar se não deixa facilmente harmonizar com a dos *Actos*, que coloca o apostolado de S. Tomé nos confins da Pártia, houve quem imaginasse duas viagens sucessivas, uma ao Norte, antes da morte de Gundaphar por 45 A. D., outra ao Sul, por 52 A. D. — que é a data em que a tradição malabar coloca o desembarque de Tomé em Cranganor — vindo nesta o Santo a padecer martírio, por volta de 68 A. D.⁴⁰

Supomos que o problema é algo mais complicado. Não basta, para aquilatar da verosimilhança histórica das duas tradições, pô-las lado a lado; há que inseri-las na conjuntura política e social da época e compará-las com dados de outra natureza. Sobretudo há que não excluir *a priori* outras tradições existentes de que nos falam outras fontes⁴¹.

³⁸ Excepto o depoimento de Mar Jacob Abuna na *Inquirição de 1530* e, parcialmente, a *Carta de Mar Tomé*, que conta a história do palácio celeste, mas dá-a como passada com um soberano local Pirmal Shôyin, em vez de Gundaphar. Trata-se provavelmente de uma contaminação da lenda de S. Tomé com a de Cheraman Perumal, de que tratamos no nosso estudo «A Carta que mandaram os Padres da Índia, da China e da Magna China, um relato siríaco da chegada dos Portugueses ao Malabar e seus primeiros contactos com a hierarquia local» in *Revista da Universidade de Coimbra* (no prelo), nota 26.

³⁹ Sobre os poemas malaialas, v. as obras indicadas *supra*, nota 32. O *Thomma Parvam* foi publicado em malaiala em 1916 por Fr. Bernard, *Mar Tomma Kristyanikal*, p. I, e traduzido em italiano pelo P.^e Rocco, «La leggenda di S. Tomaso Apostolo» in *Orientalia Christiana*, XXXII, 89, pp. 169 e seg.

⁴⁰ É a opinião expressa por Farquhar (cf. *supra*, nota 32) e seguida por exemplo, por Romila Thapar, *A History of India*, Penguin Books, 1.^a ed., 1966, pp. 134-135.

⁴¹ Reservamos para um outro estudo — que tencionamos publicar na *Didaskalia*, Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa — a análise comparada das várias tradições concernentes à origem das cristandades da Índia,

Além das duas tradições, a sírio-greco-latina e a malabar, que atribuem a S. Tomé a fundação da cristandade da Índia, existe, com efeito, uma outra de origem alexandrina, muito menos difundida, que a atribuiu ao Apóstolo S. Bartolomeu.

Alude-lhe de passagem na sua *História Eclesiástica* Eusébio de Cesareia — um dos escritores que limita à Pártia o apostolado de Tomé — a propósito do zelo apostólico de Panteno, um dos primeiros doutores da escola teológica de Alexandria, que dirigiu de 180 a 200 A.D.:

«Dirigia então aí a escola dos fiéis um varão por sua ilustração renomeado, de nome Panteno (...), oriundo da escola filosófica dos chamados Estoicos. E dizem que ele mostrava, com ardente disposição, tamanho zelo pela palavra divina que foi reconhecido mesmo como o arauto do Evangelho de Cristo aos povos do Oriente, enviado até à terra dos Índios. Havia, de facto, ainda então numerosos evangelistas da palavra, esforçados por contribuir para o acrescentamento e edificação da palavra divina com zelo divinal de imitação apostólica; dos quais foi Panteno um também. E diz-se que foi até aos Índios; e é fama que achou aí ter sido a sua presença precedida pelo Evangelho de Mateus, conhecido entre alguns dos daí a quem dizem tê-lo anunciado Bartolomeu, um dos Apóstolos; e a quem em letras hebraicas deixara o escrito de Mateus, o qual se conservara até ao dito tempo ...»⁴².

S. Jerónimo no seu livro *De Viris Illustribus*⁴³ reproduz quase *ipsis verbis* a mesma informação — e é daí que devem vir as referências fugazes do *Martirologio*⁴⁴ e do *Breviário Romano*⁴⁵ à «pregação de S. Bartolomeu na Índia segundo o ensinamento de S. Mateus». Entretanto, enquanto se divulgavam as tradições concernentes ao apostolado indiano de S. Tomé, S. Bartolomeu foi reivindicado pelos Arménios como um dos fundadores da sua Igreja⁴⁶,

e a discussão da historicidade ou não historicidade da lenda de S. Tomé, que, como dissemos no início, não cabe no tema que ora nos propomos ventilar.

⁴² *História Eclesiástica*, V, x, 1-3.

⁴³ Cap. XXXVI, P. L. XXIII, vol. 683.

⁴⁴ Ver o dia 24 de Agosto.

⁴⁵ *Pars Aestiva*, dia 24 de Agosto, lições do 2.º Nocturno de Matinas.

⁴⁶ Sobre a Igreja Arménia podem ler-se, como introdução, as obras de Malachia Ormanian, *L'Eglise Arménienne; son histoire, sa doctrine, son régime, sa discipline, sa liturgia, sa littérature, son présent*, 2.ª ed., Impri-

e as suas possíveis andanças pelas Índias deixaram de despertar interesse. S. Isidoro de Sevilha⁴⁷ alude-lhe ainda; mas confunde as coisas e atribui-lhe a versão do Evangelho de S. Mateus na línguas dos Índios...

Tampouco é impossível que o teatro da pregação de Bartolomeu tenha sido a Etiópia ou em geral a região do Mar Vermelho, frequentemente designada por «Índia Média», «Índia Etiópica» e expressões semelhantes nos livros dos geógrafos a partir pelo menos de Ptolomeu⁴⁸. A confusão entre as várias Índias é patente por exemplo, no passo da *História Eclesiástica*⁴⁹ de Rufino de Aquileia (345-410), que narra a evangelização do império abexim pelos dois jovens alexandrinos Edésio e Frumêncio:

«Nessa divisão da ordem das terras que pelos Apóstolos foi tirada à sorte para pregação da palavra de Deus, como a cada um coubesse uma província, diz-se que saiu em sorte a Tomé a Pártia, a Mateus a Etiópia, e a Índia Citerior a ela adjacente a Bartolomeu. Entre a qual e a Pártia jaz no meio — mas mais para dentro um largo tracto — a Índia Ulterior, de muitas e variadas línguas e gentes habitada; à qual como mui remota, nenhum arado de pregação apostólica sulcara ainda; a qual, contudo, em tempos de Constantino, por tal causa recebeu a primeira semente da fé. Diz-se que um certo Metrodoro filósofo a fim de inspecionar os lugares e perscrutar o globo, penetrou na Índia Ulterior; esti-

merie du Catholicossat Arménien de Cilicie, Antelias, Líbano, 1954; Jean Mécérian, S.J., *Histoire et Institutions de l'Eglise Arménienne — Évolution Nationale et Doctrinale, Spiritualité-Monachisme*, Recherches publiées sous la direction de l'Institut de Lettres Orientales de Beyrouth, tomo XXX, Imprimerie Catholique, Beirute (1965). Cf. ainda H. Pasdermajian, *Histoire de l'Arménie, depuis les origines jusqu'au traité de Lausanne*, 3.^a ed., Lib. Samuelian, Paris, 1971; René Grousset, *Histoire de l'Arménie*, Payot, Paris, 1947; David Marshall Lang, *Armenia, Cradle of Civilization*, 2.^a ed., George Allen & Unwin, Londres, 1978; Sirarpie Der Nersessian, *Os Arménios*, Historia Mundi, Ed. Verbo, Lisboa, 1973; Jean Pierre Alem, *L'Arménie*, Col. Que Sais-je?, PUF, Paris, 1959.

⁴⁷ *De Ortu et Obitum Patrum*, cap. LXXV, P. L. LXXXIII, col. 152-153.

⁴⁸ Vide Vitorino de Magalhães Godinho, «Índias, as Etiópias e o Nilo» in *Dicionário de História de Portugal*, dir. por Joel Serrão, vol. II.

⁴⁹ Livro I, cap. IX, P. L. XXI, col. 478. Sem dúvida através da versão grega de Sócrates (cf. *supra*, nota 10) este relato passou à Síria, onde aparece na *Crónica Pseudo Dionisiana*, compilada em 775 no mosteiro de Zuqnin no Tur Abdin (texto siríaco, CSOC, vol. 91, p. 162; trad. latina, CSOC, vol. 121, p. 122).

mulado por cujo exemplo também um tal Merópio, filósofo de Tiro, por causa semelhante, quis visitar a Índia, tendo consigo dois rapazinhos que como parentes instruía nas letras liberais, dos quais um, que era o mais moço, se chamava Edésio, o outro Frumêncio ...».

Trata-se aqui, sem sombra de dúvida, da evangelização da Etiópia, que havia de conduzir em 345 à conversão do imperador Ezana e ao baptismo do império de Axum⁵⁰. Mas a embrulhada geográfica, em que a Índia Ulterior parece trocar de posição com a Citerior, não deixa de ser notável ...

Que podemos concluir de tudo isto?

A acumulação de testemunhos torna assaz provável que a Índia tenha sido tocada pela pregação evangélica ainda na época apostólica; e a estadia de S. Tomé é, dado o vigor da tradição local, a que mais grau de probabilidade reveste. Para S. Bartolomeu impossível se torna averiguar qual das Índias terá evangelizado, se a «Índia Maior», ou seja, a verdadeira Índia, se a «Média», ou seja, a região etíope. A mudez total da tradição local indiana a seu respeito parece inclinar preferentemente a balança para a derradeira hipótese.

Seja como for, com maior ou menor fundamento histórico, os cristãos do Malabar vieram a designar-se a si próprios por «cristãos de S. Tomé». A expressão aparece pela primeira vez no Ocidente na relação de viagem de João de Marignolli (1348-1349): «Não são os sarracenos os proprietários [dos campos de pimenta] mas os cristãos de S. Tomé»⁵¹. A expressão tornou-se usual, é corrente nos nossos escritores quinhentistas, e perpetuou-se até aos nossos dias.

Os Portugueses lidaram quase exclusivamente com as tradições respeitantes a S. Tomé. Na sua carta de 1500 ao Samorim de Calicut, que ainda julgava cristão, D. Manuel apelava para a fé comum citando ambos os apóstolos: «e dous destes apóstolos

⁵⁰ Ver, por exemplo, Jean Doresse, *L'Empire du Prête-Jean*, vol. I, «L'Ethiopie Antique», Plon, Paris (1957); Jean Doresse, *Histoire de l'Ethiopie*, Col. Que Sais-je?, PUF, Paris, 1970; Jules Leroy, *L'Ethiopie, Archéologie et Culture*, Desclé de Brouwer, 1973; A.H.M. Jones e E. Monroe, *Histoire de l'Abyssinie des Origines à nos jours*, Payot, Paris, 1935 (antiquada); Edward Ullendorff, *The Ethiopians: an introduction to country and people*, 3.^a ed., Oxford University Press, 1973.

⁵¹ *Sinica Franciscana*, I, pp. 515-560; Yule, *op. cit.*, p. 343.

.s. sam Thome & sam Bertolameu pregarão nessas vossas partes da Índia, fazendo muitos grandes milagres, tirando essas gentes do erro da gentildade & idolatria e que todo o mundo estaua dâtes ...»⁵². Mas a fama do túmulo de S. Tomé deve ter eclipsado tudo o mais e de S. Bartolomeu não se volta praticamente a falar.

É que as comunidades cristãs da Índia hierárquica e culturalmente ligadas às da Mesopotâmia, que reclamam igualmente a paternidade de S. Tomé, sempre prezaram de modo especial as tradições respeitantes a esse apóstolo — mas ignoraram inteiramente a tradição alexandrina, que atribui a evangelização da Índia a S. Bartolomeu; e os Portugueses tornam-se, desde que chegam ao Malabar, herdeiros da tradição local, que procuram recuperar a seu favor.

A missionação, frouxa e limitada aos arrabaldes dos estabelecimentos portugueses durante as primeiras décadas, foi desde os meados do século XVI tomada a peito — quer pelas ordens religiosas, como os Jesuítas, quer pela Coroa, que a apadrinhou e subsidiou e dela fez uma das linhas de força da sua política asiática.

Os missionários procuraram, sempre que possível, apresentar a pregação cristã não como uma novidade, mas como a reposição do antigo estado de coisas que o tempo subvertera com suas vicissitudes. Daí, por exemplo, a importância atribuída pelos Jesuítas à inscrição cristã de Hsi-An-Fu, em siríaco e chinês, achada nos confins do Shen-Hsi em 1625 e datada de 781 — o que provava a grande antiguidade da pregação cristã no Império do Meio⁵³. Daí também a importância que se atribuiu à lenda de S. Tomé — que serviu mesmo de tema a uma epopeia em oitava rima,

⁵² Castanheda, I, xxxv.

⁵³ Da propaganda que de tal achado se fez é testemunha eloquente a impressão e divulgação na Europa de gravuras com cópia da inscrição. Agradeço ao meu caro amigo e colega Dr. João Manoel Cordeiro Pereira a revelação de um exemplar de tal gravura que tem em seu poder. Pode ver-se a tradução em francês e em latim do texto da estela no *Bullarium*, II, pp. 265-284, reproduzida de G. Pauthier, *L'inscription syro-chinoise de Si-Ngan-Fou, monument nestorian élevé en Chine l'an 781 de notre ère et découvert en 1625*, Paris, 1858. Cf. H. Havret, «La stèle chrétienne de Si Ngan Fou» in *Variétés Sinologiques*, n.º 7, Xangai, 1895; e ainda Paul Pelliot (*Oeuvres Posthumes de...*), *Recherches sur les chrétiens d'Asie Centrale et d'Extrême Orient*, Paris, Imp. National, 1973; 2.º vol., Fondation Singer Polignac, Paris.

redigida em fins do século XVI ou começos do XVII, com cerca de 1.200 estrofes divididas em 15 cantos⁵⁴.

As tradições malabares respeitantes às andanças do Apóstolo por terras e mares do Oriente serviram de igual maneira para fundamentar em diversas regiões a pregação do Evangelho: assim, no Tonquim, onde uma tradição local, habilmente combinada à história de Tomé, veio provar que um soberano de outrora acolhera o Santo Apóstolo e se converteu à fé cristã, vindo apenas o seu quinto sucessor a apostatar...⁵⁵.

O poema malaiala, a que já aludimos, *Margam Kali*, atribui também ao Apóstolo uma viagem missionária à China e à Ásia do Sueste, fazendo-o inclusivamente visitar Malaca, cidade que só por 1403 havia de ser fundada⁵⁶.

O mais curioso de tudo é, porém, que se tenha atribuído a S. Tomé a primeira evangelização do Brasil.

Que saibamos foi o Padre Manuel da Nóbrega o primeiro a expor essa peregrina ideia. Expõe-na numa carta ao Dr. Martin de Azpicuelta Navarro, primo de S. Francisco Xavier, escrita do

⁵⁴ Tivemos recentemente a feliz oportunidade de adquirir num leilão o respectivo manuscrito, que supomos inédito, de que demos notícia ao 5.º Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa, Cochim, 1989 e cujo estudo, por não caber aqui reservamos para outra ocasião.

⁵⁵ Pedro Ordoñez de Cevallo, *Tratado de las relaciones verdaderas de los regnos de la China, Cochinchina y Champaa...*, p. 16; cf. F. Romanet du Caillaud, *Essai sur les origines du Christianisme au Tonkin et dans les autres pays annamites*, Paris, 1915, pp. 1-3.

⁵⁶ Abstemo-nos de desenvolver o tema das tradições gnósticas e esotéricas concernentes a S. Tomé o didimo, por pouca relação terem com a história portuguesa e com o nosso assunto em geral. Notemos apenas que em 1945 foram descobertas em Nag Hamâdi, no Alto Egipto, 13 volumes contendo obras gnósticas redigidas em copta. Entre elas acha-se o *Evangelho Segundo S. Tomé*, cujo original grego, de há muito perdido, apenas era conhecido, muito fragmentariamente, por uma ou outra citação de Orígenes, Hipólito de Roma, S. Ireneu e S. Cirilo de Jerusalém, e sobretudo por uns fragmentos de papiro encontrados em Oxyrrhynchus em 1897 e 1903. Trata-se de uma colecção de 114 *logia* ou seja «ditos» de Jesus, de que uns são conciliáveis com a ortodoxia — e aparecem, aliás, nos Evangelhos canónicos — mas outros são de carácter nitidamente gnóstico. Deste *Evangelho Segundo S. Tomé* há já numerosas edições, v.g. a de A. Guillaumont e outros, *The Gospel According to Thomas*, E. J. Brill, Leiden, 1976. Para os demais evangelhos apócrifos veja-se Marie Erbetta, *op. cit.* na bibliografia ao fim deste artigo.

Salvador a 10 de Agosto de 1549⁵⁷: «têm notícia de S. Tomé [os índios do Brasil] e de um seu companheiro; e nesta Baía estão umas pegadas numa rocha que se tem por suas e outras em S. Vicente que é no cabo desta costa». Na *Informação das Terras do Brasil aos Padres e Irmãos de Coimbra*, desse mesmo ano, explica-se em mais pormenor: «dizem eles que Santo Tomé a que chamam Zomé passou por aqui; isto lhes ficou por dito dos seus antepassados e que as suas pegadas estão sinaladas junto de um rio, as quais eu fui ver por mais certeza e vi com os próprios olhos quatro pisadas muito sinaladas com seus dedos as quais algumas vezes cobre o rio quando enche. Dizem também que quando deixou estas pegadas ia fugindo dos índios que o queriam frechar e chegando ali se lhe abriu o rio e passara por meio dele sem se molhar à outra parte. E dali foi para a Índia. Assi mesmo contam que quando o queriam frechar os índios, as frechas se tornavam para eles e as matas lhe faziam caminho por onde passasse. Dizem também que lhes prometera que havia de tornar outra vez a vê-los. Ele os veja do céu e seja intercessor por eles a Deos pera que venham a seu conhecimento e recebam a Santa Fé como a espera»⁵⁸.

Também o Padre Fernão Cardim (1540-1625) diz que os índios do Brasil tosquiavam o cabelo à maneira de S. Tomé «de que tiveram alguma notícia ainda que confusa»⁵⁹.

Como se terá chegado a esta ideia? Havia por certo qualquer ente sobrenatural a que, como nota o Padre Manuel da Nóbrega, os índios chamavam Zomé, e a imaginação dos missionários fez o resto. Para mais o uso de chamar ao Novo Mundo «Índias Ocidentais», decorrente do erro em que incorreu Colombo, facilitava as coisas.

⁵⁷ P.^e Manuel da Nóbrega, *Cartas do Brasil e mais escritos do ... (Opera Omnia)*, com introd., notas históricas e críticas de Serafim Leite, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1955. Diogo do Couto (V, vi, 2) levanta a hipótese de serem de S. Tomé as pegadas impressas numa rocha no cimo do Pico de Adão, na ilha de Ceilão, veneradas pelos muçulmanos como sendo do primeiro pai da humanidade, de onde o nome por que é conhecido o pico. Aqui como no Brasil trata-se provavelmente de pegadas fósseis, ou, com menos probabilidade, de pegadas talhadas na rocha na pré-história para fins mágicos.

⁵⁸ *Ibidem*, doc. 8, p. 66.

⁵⁹ *Tratado da Terra e Gente do Brasil* (Col. Brasiliana, n.º 168, Editora Nacional), S. Paulo, 1978, p. 106.

Supomos que a estes factores se juntava um outro: a ideia de que os Doze haviam, de facto, evangelizado a terra inteira, ideia quiçá derivada de uma interpretação literal do Salmo 18 v. 5 «in omnem terram exivit sonus eorum et in fines orbis terrae verba eorum» que é no rito romano o *leitmotif* da liturgia dos Apóstolos..

Cerca de 1505 Duarte Pacheco Pereira desenvolve essa ideia a propósito do sonho em que Deus teria revelado ao Infante D. Henrique a necessidade de dar início aos descobrimentos para trazer à luz da verdade «tanta multidam de novos povos e homens negros» e também porque nesses terras «se acharia tanto ouro com outras tam ricas mercadarias com que bem e abastadamente se manteriam os Rex e povos destes regnos de Portugal e se poderia fazer guerra aos infieis inimigos da nossa santa fee catholica. A qual revelação do descobrimento de tantas e tam grandes provincias novamente sabidas da cristandade bem parece vir por novo misterio de Deos e nam por outro modo temporal; porque de necessidade se ha de comprir o que disse o profeta David no salmo dezoyto que começa 'Caely enarrât gloriam dey', honde adiante vay hum verso que diz 'in omnē terram exivit sonus eorum et in fines orbis terrae verba eorū'; e porque a doutrina de Nosso Senhor que pelos Apostolos foy pregada pera salvação universal do mundo, tambem nestas Etiópias se perdeu, elle por sua infinita misericordia e bondade quer que, pois nós socedemos a sua ley e fee divinal, que por nós se torne agora a ressuscitar»⁶⁰.

A ideia de que as andanças de S. Tomé se haviam estendido ao Brasil devia estar no século XVII bem arreigada nos espíritos. Não admira pois que a oratória exuberante de um Padre António Vieira se dela tenha servido para impressionar um auditório aparentemente pouco temente a Deus. Se a Tomé coube em quinhão evangelizar o Brasil, foi por castigo, por haver um momento duvidado da verdade da Ressurreição. Por isso Cristo lhe destinou a mais ruim gente do mundo, de coração tão duro como o do Faraó do Êxodo ...⁶¹.

⁶⁰ Duarte Pacheco Pereria, *Esmeraldo de Situ Orbis*, liv. 1.º, cap. 22.

⁶¹ *Sermão do Espírito Santo*, pregado em S. Luís do Maranhão, in *Sermões*, II, v, p. 405.

II

As duas tumbas de Tomé

Tomé era de Jerusalém, da tribo de Judá. Este ensinou aos Partos e aos Medos e aos Índios. E porque baptizou a filha do rei dos Índios, trespassou-o com uma lança e morreu. E fez vir o mercador Habban seu corpo e depô-lo em Edessa, cidade abençoada de Cristo nosso Deus. E dizem outros que está sepultado na cidade de Mahlup nas partes da Índia.

Salomão bispo de Baçorá (c. 1222),
Livro da Abelha, cap. LXVIII.

A mesma dualidade que notámos nas tradições concernentes ao apostolado e morte de S. Tomé na Índia reaparece no que respeita à sua sepultura: durante todo o primeiro milénio o Ocidente siro-greco-latino o creu em Edessa, na Alta Mesopotâmia, ao passo que a cristandade da Índia de longa data o venera no Coromandel.

Os *Actos de Tomé* contam assim a história:

«Sucedeu, muito tempo depois, ser um dos filhos del Rei Mizdai ferido pelo demónio e não ser ninguém capaz de o curar; assaz violento era, com efeito, aquele demónio. Reflectiu o Rei Mizdai e disse: 'indo abrirei o túmulo e tomando ossos do Apóstolo de Deus suspendê-los-ei sobre meu filho e será curado'. E enquanto assim reflectia Mizdai, mostrando-se-lhe o Apóstolo Tomé, disse-lhe: 'vivendo eu não me acreditei e agora, morto, é que acreditas? mas tem confiança: compadece-se e de ti se amerceia o meu Senhor Jesus Cristo por sua própria bondade'. Partiu pois Mizdai para a tumba do Santo Apóstolo; e abrindo o ataúde não achou aí o apóstolo» Um dos irmãos, com efeito, tendo-o roubado, trouxe-o para a Mesopotâmia. E tomando então el Rei Mizdai da poeira daquele lugar onde haviam sido lançados os ossos do Apóstolo, colocou-os sobre seu filho e disse: 'agora eu creio em ti, Senhor Jesus'»⁶².

⁶² Seguimos na tradução o texto grego. O texto siríaco é praticamente idêntico apenas que designa Tomé por Judas como é corrente na literatura siríaca, e que deixa no vago o destino dos ossos trasladados: «... não encon-

Segundo esta tradição, que é a mais antiga das que nos chegaram, o corpo de S. Tomé teria sido trasladado para a Mesopotâmia pouco após a sua morte, em vida ainda do Mizdai que o matou. Daí o concretizarem alguns — como Salomão de Baçorá no texto citado em epígrafe — que foi o próprio Habban, o mercador que conduziu Tomé à Índia, quem trouxe de retorno as relíquias.

Santo Efrém (c. 306-373) parece partilhar a mesma opinião, pois no seu 42.^o *Carême Nisibeno*, dedicado à translação das relíquias alude ao «mercador que trouxe os ossos» — embora não nomeie explicitamente Habban:

«Chora-se o Maligno: e para onde, agora? terei para onde possa fugir dos justos? incitei a morte a matar os apóstolos, a fim de escapar a seus golpes por sua morte ... E agora, mais duramente sou batido: o Apóstolo que matei na Índia precede-se em Edessa! Aqui está ele todo inteiro, e também lá ... Segui para lá, lá estava ele. Aqui e lá o achei e me entristeci.

(*Refrão*:) Bendito o poder que repousa nos nossos gloriosos!

Os ossos trouxe ele, o mercador; ou talvez antes, foram eles que o trouxeram. Eis portanto que reciprocamente lucraram. E a mim, que me ajudam eles, se se ajudam um ao outro? que para mim há em ambos perda ... E aquele relicário do Iscariotes, quem mo mostrará? de quem recebi a força! O relicário de Tomé matou-me, pois a força oculta que nele habita me atormenta ...

O eleito Moisés trouxera os ossos com fé, como relíquia; e se ele, que era tamanho profeta, creu que há nos ossos adjutório, bem creu o mercador e bem mercador se lhe chama: este mercador mercou, elevou-se, fez-se rei. O seu tesouro muito me empobreceu. Em Edessa se abriu seu tesouro, e com seu adjutório a grande urbe enriqueceu!»⁶³.

A versão que atribui a Habban a translação dos ossos tem certa verosimilhança, pois coaduna-se perfeitamente com o facto das relíquias já estarem desde há tempos na Mesopotâmia quando

trou os ossos: roubara-os, na verdade, um dos irmãos e trouxera-os para o Ocidente». Pelo contrário, a versão latina, *De Miraculis Beati Thomae*, é mais precisa: «... não pôde achar os ossos pois alguns dos irmãos roubaram as relíquias do santo apóstolo; e na cidade de Edessa pelos nossos foi sepulto ...». O texto grego vem na p. 93, o latino na p. 131 da ed. de Bonnet; o siríaco na p. 332 da ed. de Wright; cf. a ed. de Hennecke, vol. II, p. 170.

⁶³ *Carmina Nisibena*, XLII, 1-3; ed. de Bickell, p. 79.

aí foram redigidos os *Actos* (século III) e escreveu Santo Efrém (século IV).

É certamente à mesma tradição que alude Diogo do Couto⁶⁴, quando em abono da autenticidade do túmulo de Meliapor escreve: «e posto que seu discípulo Abdias⁶⁵ diga que seus companheiros lhe levaram suas relíquias para a cidade de Edessa, isso não tira ficarem muita parte delas na sua própria sepultura, porque forçado haviam de deixar nele sua memória».

A *Passio Sancti Thomae Apostoli* coloca a translação numa época mais tardia; e correlativamente dá já certa importância ao culto de S. Tomé no que foi o seu primeiro túmulo. Assim, após a morte do Santo — assassinado pelo pontífice do templo do Sol em que recusara sacrificar, enquanto o rei fugia — os discípulos «transferiram o corpo do Apóstolo com honras apostólicas, louvores e hinos para a igreja, embalsamando com aromas preciosos o corpo; e produziam-se grandes sinais e prodígios no local onde fora posto: com efeito não só os endemoinhados serem libertos como todas as moléstias curadas. Em consequência disso, rogando os Sírios a Alexandre, imperador romano, quando desbaratado el-Rei Xerxes, regressava vencedor da guerra dos Persas, suplicaram-lhe que mandasse embaixada aos régulos dos Índios para que entregassem o defunto a seus concidadãos. E assim se fez que fosse trasladado da Índia o corpo do Apóstolo e posto na cidade de Edessa, num cofre de prata que pende de cadeias de prata; na qual cidade nenhum hereje pode habitar, nenhum Judeu, nenhum cultor dos ídolos. Nem os bárbaros a puderam jamais invadir pois que Abgar rei da mesma cidade mereceu receber uma epístola escrita pela própria mão do Salvador. Esta epístola lê desde então um menino inocente, baptizado, de pé sobre a porta da cidade, ou seja a epístola da mão do Salvador, se acaso alguma gente vem

⁶⁴ XII, iii, 4.

⁶⁵ As edições quinhentistas das vidas dos apóstolos (como a de 1552 feita em Basileia por Wolfgangus Lagius que Diogo do Couto utilizou talvez) atribuem-lhe com efeito a autoria a «Abdias bispo de Babilónia e discípulo dos Apóstolos» (Medlycott, *op. cit. supra*, nota 32, p. 217). O nome é aparentemente uma deturpação de 'Abdu que é na *Doutrina de Addai* o nome do nobre da corte del Rei Abgar de Edessa que anunciou nos seus paços a chegada de Addai, um dos 70 discípulos de Jesus, que, após a Ascensão, o Apóstolo Tomé enviou a Edessa a curar el Rei e pregar o Evangelho, como Jesus em vida lhe prometera por carta. Cf. *infra*, nota seguinte.

contra a cidade; e no mesmo dia em que lida for, ou se aplacam os bárbaros ou se põem em fuga, ameaçados tanto pelos escritos do Salvador como pelas orações de São Tomé, Apóstolo, ou seja o Dídimo»⁶⁶.

A trasladação das relíquias para Edessa situar-se-ia assim por volta de 233, ano da vitória de Alexandre Severo sobre os Persas.

Datas ainda mais tardias são dadas por outras fontes: a *Crónica Pseudo-Dionisiana* coloca-a após o ano 698 dos Gregos, isto é, 387 A.D.: «no ano de 698 lutou o imperador Teodósio com o tirano Máximo e o matou e destruiu seu exército; e no mesmo ano morreu Santo Eulógio, bispo de Edessa, e em seu lugar ficou Ciro; e este trouxe para Edessa a arca de S. Tomé»⁶⁷. Esta data quase concorda com a que é mais tarde dada pela *Crónica Eclesiástica* do célebre historiador jacobita Gregório Abul-Faraj, mais conhecido por Bar Hebraeus (1225-1286) que coloca a trasladação «sob o pontificado de Tirânio, 20.º patriarca de Antioquia, no início do reinado de Constantino, sob o bispo de Edessa, Eulógio»⁶⁸ — o que vem a ser pelos anos 386-397, reinando entre os Romanos Teodósio e não Constantino, como diz o texto. Seja como for esta data é impossível, pois já Santo Efrém falecido em 373 fala da presença da arca em Edessa.

É possível que tanto o anónimo autor da *Crónica Pseudo-Dionisiana* como Bar Hebraeus tenham confundido a data da

⁶⁶ Ed. de Bonnet, p. 159. A lenda de Abgar de Edessa aparece em siríaco em numerosas versões desde a *Doutrina de Addai*, do início do séc. V; o texto da pseudo-carta de Jesus a Abgar, que deve ter servido de núcleo à lenda, é sem dúvida mais antigo, pois aparece em versão grega na *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia (I, 13) redigida c. 325. Para mais detalhes sobre estouta lenda, que na tradição siríaca aparece entressachada com a de S. Tomé, vide J. B. Segal, *Edessa, «The Blessed City»*, Oxford, Clarendon Press, 1970. Cf. Ortiz de Urbina, *Patrologia Siriaca*, p. 44; Aurelio de Santos, *Los evangelios apócrifos*, edición crítica y bilingüe, B.A.C., Madrid, 1963, pp. 662-669. Sobre a etimologia e significado do nome de Tomé o Dídimo — base de toda a especulação de carácter gnóstico e esotérico em torno de S. Tomé, vide v.g. Paul-Hubert Poirier, «Une éthymologie ancienne du nom de Thomas l'Apôtre et sa source» in *Parole de l'Orient*, vol. X, 1981-82, Univ. St. Esprit, Kaslik (Líbano), 1981-82, pp. 285-290.

⁶⁷ CSCO, texto siríaco, vol. 91 (Syr. 43), p. 186; trad. latina, vol. 121 (Syr. 3-I), p. 138. Os cristãos sírios e caldeus computam os anos pela «era dos Gregos Infiéis», isto é, dos Seleucidas, que começa com a subida ao trono de Seleuco Nicator em Outubro de 312 a.C.

⁶⁸ I, col. 66; cf. III, col. 34 a 11-12.

trasladação das relíquias da Índia para Edessa com a da construção da nova igreja, erguida para abrigar o túmulo do Apóstolo no ângulo Sudoeste da cidade, que segundo a *Crónica de Edessa*, redigida em 540 A.D., teve lugar em 394 A.D.: «no ano 705 no mês de Ab (= Agosto) no dia 22 fizeram vir o ataúde de S. Tomé Apóstolo para o seu grande templo, em dias do bispo Mar Ciro»⁶⁹.

Na *Crónica Anónima de 1234* a grande igreja de S. Tomé abre a lista dos templos edificadas em Edessa: «foi edificado primeiro o templo glorioso de Tomé Apóstolo no ângulo sud-ocidental da cidade; e nele foi colocado o corpo santo de Tomé Apóstolo, ao cabo do pórtico setentrional da igreja, da banda ocidental do pórtico»⁷⁰.

Foi já esta nova igreja que por volta do ano 400 recebeu a visita da célebre peregrina galega Etéria, que assim lhe alude na sua *Relação de Viagem*:

«... e partindo de novo chegamos em nome de Cristo nosso Deus a Edessa; onde mal chegámos logo seguimos para a igreja e martírio de S. Tomé. E assim pois, feitas como de costume as orações e o demais que era costume fazer-se nos lugares santos, lemos ainda aí alguma coisa desse S. Tomé. A igreja que aí está, é enorme e muito formosa, de construção recente como coisa deveras digna de ser a casa de Deus; e porque muitas eram as coisas que aí desejava ver, necessário me foi fazer aí estadia de três dias»⁷¹.

Rufino de Aquileia⁷² refere-se também ao túmulo de S. Tomé em Edessa e conhece-se uma homilia — muito tempo atribuída a S. João Crisóstomo — aí pronunciada numa cerimónia de veneração das relíquias⁷³. Pela *Crónica de Edessa*⁷⁴ sabemos que no ano 442

⁶⁹ CSCO, texto siríaco, vol. 1 (Syr. 1); trad. latina, vol. 2 (Syr. 2), p. 6.

⁷⁰ Cap. XXXXIII; CSCO, texto siríaco, vol. 82 (Syr. 37), p. 180; trad. latina, vol. 109 (Syr. 56), p. 141.

⁷¹ Cap. 19, pp. 162-164.

⁷² *História Eclesiástica*, II, 5; *P. L.* XXI, col. 513.

⁷³ Vide Francisco Maria Esteves Pereira, *Dois Homilias sobre S. Tomé atribuídas a S. João Crisóstomo*, estudo de crítica literária; Academia das Ciências de Lisboa, separata do «Boletim de Segunda Classe», vol. VIII, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914. Este estudo contém a tradução em português do texto grego da 2.^a homilia, o texto etíope da 2.^a e a sua versão em português. Pode ver-se o texto grego de ambas com tradução latina in *P. G.* LIX, col. 497-500 e 681-688.

⁷⁴ Cf. *supra*, nota 69; também Assemani, *B. O.* I, pp. 388 e seg.

da nossa era foram as relíquias encerradas num cofre de prata — por certo aquele a que alude o texto da *Passio* citado acima: «Ano 753. Fez um relicário de prata em honra dos ossos de Tomé Apóstolo santo o *stratelatos* (perfeito de milícia) Anatólio». Essa arca de prata reaparecerá na Idade Média nas descrições fabulosas do túmulo do Apóstolo.

A Igreja Romana adoptou a festa síria de S. Tomé a 3 de Julho como comemoração da translação das relíquias do Apóstolo da Índia para Edessa: menciona-a já nos meados do século VI o *Martyrologium Hieronymianum*⁷⁵ e continuam a mencioná-las até aos dias de hoje as sucessivas edições do *Martirologio*.

Na época das Cruzadas o túmulo de Edessa era ainda objecto de veneração: alude-lhe ainda em 1142 Guilherme de Tiro na sua *Historia Rerum in partibus transmarinis gestarum*⁷⁶: «diz-se que nessa mesma cidade está sepultado também o corpo do bem-aventurado Tomé, juntamente com os corpos do sobredito apóstolo (Tadeu) e do bem-aventurado rei Abgar».

Dois anos depois, em 1144, a cidade caía, porém, definitivamente nas mãos dos Turcos, após 46 anos de domínio dos Francos, e a cristandade local, a mais antiga e florescente outrora em toda a Alta Mesopotâmia, entrava no estreitor⁷⁷. Deve ter sido no meio da confusão então reinante que os restos do Apóstolo foram transportados para a ilha de Chios. Daí foram por mando de Manfredo príncipe de Tarento trazidos em 1258 para Ortona, na costa adriática da Itália⁷⁸, não longe de Pescara — evento que o *Martirologio Romano* comemora igualmente, mas que parece ter passado inteiramente despercebido dos nossos escritores quinhentistas que, presos à tradição local do Sul da Índia com que permaneciam em contacto, aludem, quando mais eruditos, apenas ao túmulo de Edessa. A Itália foi com efeito, ao longo da Idade Média, uma espécie de buraco negro em que se sumiram quantos corpos de santos lhe quedaram ao alcance — que a inflação de relíquias reduzia irresistivelmente a um quase anonimato...

⁷⁵ Vide Delahay & Quentin, *op. cit.*, sub die 3 jul.

⁷⁶ Liv. XVI, cap. V; P. L. CCI, col. 645.

⁷⁷ Vide Segal, *op. cit. supra*, nota 66.

⁷⁸ Medlycott, *op. cit. supra*, nota 32, cap. IV.

E no entanto já por volta de 1240 Jacques de Vitry⁷⁹, ao descrever Edessa, apenas menciona o corpo de Addai (o discípulo de Tomé que segundo a tradição evangelizou a região e baptizou o rei Abgar) a quem parece confundir, como era aliás frequente, com o Apóstolo Judas Tadeu.

Foi, provavelmente a desapareição do túmulo de Edessa que forneceu o pretexto à Igreja Arménia — outro aspirador de relíquias — para se gabar de possuir igualmente os ossos de Tomé: é o que nos revela o *Sinaxário Arménio de Ter Israel*, que para o dia 12 de Navasard (22 de Agosto), festa da Dormição da Mãe de Deus e martírio do Apóstolo Tomé, após resumir a história de Abanes e do rei Mejdeh (Mizdai), conclui: «um dos seus discípulos roubou o corpo do apóstolo S. Tomé e levou-o para a Mesopotâmia; de lá foi transportado para a Arménia»⁸⁰.

De qualquer modo, em 1950, para pôr definitivamente termo à disputa entre os sepulcros, os bispos do Malabar fizeram vir de Ortona as relíquias de S. Tomé e colocaram-nas no que se julga ter sido a sua sepultura inicial em Meliapor — hoje um subúrbio de Madrasta, na costa do Coromandel.

Os mais antigos dos textos que situam na Índia o apostolado e martírio de S. Tomé, como os *Actos* e praticamente todos os Padres da Igreja até ao século IV, não fornecem qualquer precisão topográfica sobre o local da sua morte e primeira sepultura.

É na versão grega de um apêndice ao livro *De viris illustribus* de S. Jerónimo (c. 347-419), descoberta por Erasmo, que pela primeira vez se desenha uma precisão: «Tomé o Apóstolo, como refere a tradição, anunciou o Evangelho do Senhor aos Partos, Medos, Persas, Carmanos, Hircanos, Bactros e Magos; adormeceu na cidade de Calamina da Índia»⁸¹.

A informação repete-se num curto texto de S. Isidoro de Sevilha (560-636), em que ecoa vagamente o esoterismo gnóstico dos *Actos*: «Tomé Apóstolo de Cristo, chamado o 'Dídimo', em língua latina 'gémeo de Cristo e semelhante ao Salvador', ao escutar

⁷⁹ *Historia Orientalis*, cap. XXXI «de Civitate Edessa», p. 62.

⁸⁰ *P. O.*, tomo V, fasc. 3, pp. 415 e seg.; tomo VI, fasc. 2, p. 343.

⁸¹ *P. L.* XXIII.

incrédulo, ao ver fiel. Este pregou o Evangelho aos Partos, Medos, Persas, Hircanos e Bactrianos e aos Índios, que ocupam a plaga oriental, penetrando até às gentes mais interiores e aí levando a cabo a sua pregação até à glória de sua paixão; trespassado por lanças tombou em Calamina, cidade da Índia, e aí com honra foi sepulto»⁸².

Esta tradição perpetuou-se até aos nossos dias tanto no *Martirólogo* como no *Breviário* romanos, que continuam a situar em Calamina a paixão de S. Tomé.

Nunca se identificou com segurança este topónimo Calamina, que da tradição greco-latina passou à Síria e reaparece, por exemplo, em Bar Hebraeus⁸³. Várias hipóteses de identificação foram aventadas: Coulão, Calicut, Kalliana (junto a Bombaim) e até Kedah na Malásia...⁸⁴. Não nos parece foneticamente impossível que o nome represente uma latinização do sânscrito *Colamandala* «região dos Cholas»⁸⁵, étimo do nosso topónimo Charamandel, mais tarde Coromandel. Como Meliapor fica, de facto, no Coromandel, esta hipótese teria sobre todas as precedentes a vantagem de não postular nem uma migração de tradições nem uma terceira tumba de S. Tomé, incompatível ao mesmo tempo com a tradição livresca dos *Actos* e literatura subsequente e com a tradição popular do Sul da Índia. Os nossos escritores de quinhentos e seiscentos identificam constantemente Calamina com Meliapor; mas o seu testemunho nada pode provar, visto partirem exactamente do ponto *quod erat demonstrandum*, a saber, que fica em Meliapor a vera

⁸² *De Ortu et Obitu Patrum*, cap. LXXIV; *P. L.* LXXXIII, col. 152.

⁸³ *Crónica Eclesiástica*, III, col. 3-4 a 11-12; já num códice siríaco do séc. IX (o n.º 17 da Colecção do Museu Britânico) aparece uma forma, qualquer coisa como *Qalimayâ*; pode ser que se trate de erro do copista por *Qalaminâ*.

⁸⁴ Vide v. g. a dissertação de Raulin sobre o martírio de S. Tomé, *op. cit.*, p. 362; Medlycott, *op. cit.*, pp. 150 e seg. Já o P.º Francisco de Sousa (I. conq. II, d. I, § 35) dissertara largamente sobre o assunto sem chegar a conclusão segura.

⁸⁵ Chola (sansk. *cola*) é o nome de uma dinastia dravídica, de língua tâmule, que reinou do século III a. C. ao XIII sobre extensões mais ou menos dilatadas consoante as épocas da costa oriental do Hindustão. Sobre a sua história ver v. g. Nilaksanta Sastri, *A history of South India*, 4.ª ed., Oxford University Press, Madrastra, 1976. Sobre a etimologia do nome, Robert Caldwell, *A comparative grammar of the dravidian or South-Indian family of languages*, 3.ª ed., Nova Delhi, 1974, pp. 20-23.

tumba de Tomé — pois, apesar de todos os esforços, nenhum conseguiu descobrir na Índia topónimo que se assemelhasse a Calamina.

Ora a verdade é que deste túmulo indiano do Apóstolo não aparece notícia certa senão tardiamente. O primeiro texto que explicitamente menciona o topónimo Meliapor — embora numa forma deturpada — é o *Livro da Abelha*, citado na epígrafe deste capítulo, redigido em siríaco por Salomão de Khilat, um nestoriano oriundo da região do Lago de Van que o Catholicos Sabrixo IV⁸⁶ sagrou em 1222 bispo de Pratmayšun, ou seja, de Baçorá.

O sítio de Meliapor era porém, sem dúvida alguma, objecto de culto cristão desde muito antes, como o prova a presença de uma estela de granito do século VII, com uma cruz em pahlavi ou médio persa (língua oficial da dinastia Sassânida, que reinou sobre o Irão desde a queda dos Arsácidas em 226 até à conquista muçulmana de 637). A cruz foi descoberta em 1547, quando os Portugueses de Meliapor abriram os caboucos para a construção de uma nova igreja no local, e vem reproduzida em numerosas obras, pois causou sensação a descoberta⁸⁷.

Os Portugueses quiseram ver na cruz um testemunho directo da presença de S. Tomé, e não faltaram dois brâmanes aldrabões que na mira de se tornarem agradáveis ou de receberem qualquer espórtula, se prontificaram a decifrar a inscrição bem a contento de quem os contratou. A leitura que vem reproduzida nas crónicas é, assim, uma perfeita invenção; difere, aliás, substancialmente de texto para texto⁸⁸. A versão da *Inquirição de 1589* é a mais sucinta:

⁸⁶ Isto é, *Sabr(y) Yešû* (= «minha esperança é Jesus») bar-Qayuma, *catholicos* ou Patriarca da Igreja do Oriente, isto é, dos Nestorianos de 1222 a 1226.

⁸⁷ O desenho da cruz vem reproduzido sumariamente nas *Lendas da Índia* (II, p. 723) e na *Crónica de D. João III* de F. Andrada (I, xxx, p. 73). Desenhos mais cuidados, incluindo a reprodução da inscrição aparecem em Diogo do Couto (VII, x, 5, p. 472), em Jacinto Freire de Andrade (liv. I, pp. 42-43) e no frontespício do vol. II do *Bullarium* de Jordão. A cruz conserva-se na capela do Monte de S. Tomé, sítio sobranceiro a Meliapor, onde segundo a tradição teve lugar o martírio do Apóstolo. Um facsimil da cruz em gesso foi exibido em Roma na exposição organizada pela diocese de Meliapor em 1925 e vem reproduzido no *Guide to the Vatican Exhibition*, comp.º pelo P.º H. Hosten, S.J., Diocese de Meliapor, Madrastra, 1924.

⁸⁸ Há uma carta do P.º Monserrate ao Geral dos Jesuítas em Roma, escrita de Cochim em 1579 que além da pseudo-tradução da inscrição dá o texto dravídico que lhe serviu de base, recitado pelo brâmane pretenso

«Que no tempo da Lei Sagamo fora mandado Tomé varão divino p.º filho de Ds. (cuio discípulo era) aaquellas partes para trazer as gentes da Nação ao conhecimento de Ds. e que edificara aly hũ templo e fizera gdes. milagres e que finalmente estando orando de geolhos diante daquela cruz fora trespassado cõ hũa lança p̃ hũ bramene e que ficara aquella cruz tinta cõ o sangue do sancto pera perpetua memoria delle». Jacinto Freire de Andrade⁸⁹ dá um texto mais floreado e Diogo do Couto um outro, mais extenso ainda, explicando, para justificar que coubesse tamanho texto em tão pouco letra, que cada um daqueles sinais «continha vinte ou mais letras, conforme os antigos geroglyficos dos Egepcios»⁹⁰. Na realidade a inscrição reza mais simplesmente: «Cristo, meu Senhor, tende piedade de Afras, filho de Charharbukht o sírio que cortou esta»⁹¹.

A inscrição atesta assim que no século VII Meliapor era já um centro de culto cristão, e, aparentemente, frequentado por peregrinos da Síria e do Império Persa⁹². Sê-lo-ia já desde os tempos apostólicos?

Sem o situar exactamente, S. Gregório de Tours (538-594) conhece já a existência de um santuário no lugar do martírio do Apóstolo, algures na Índia: «O apóstolo Tomé, segundo a história

decifrador da inscrição e transcrito aproximadamente em caracteres latinos. O texto, de que a versão dada por Couto é tradução quase fiel, é um pequeno poema de 28 versos numa mescla de tamil e malaiala. Parece portanto que o pretenso decifrador da inscrição em vez de inventar pura e simplesmente uma leitura ao gosto de quem lhe pagava recitou qualquer poema tradicional malabar sobre S. Tomé que sabia de cor. De qualquer modo, inventado no momento ou tradicional na região, o texto recitado nada tem a ver com o texto gravado na pedra. Vide Neil, *op. cit.* (*supra*, nota 32), apêndice ao cap. 2.º «The learned brāhman and the Thomas cross», pp. 390-392.

⁸⁹ Liv. I, pp. 43-44.

⁹⁰ VII, x, 5, pp. 477-478.

⁹¹ É a leitura hoje aceite, devida a C. P. T. Winkworth de Cambridge em 1929. Podem ver-se três outras tentativas de interpretação, assaz divergente, hoje abandonadas em N. Figueiredo, *St. Thomas the Apostle in Mylapore*, Meliapor, Madrastra, 1934, iii, p. 3.

⁹² Na porta da igreja tumular de S. Tomé em Meliapor estava um grafito em caracteres siríacos modernos, que alguém no séc. XVI copiou e enviou a El-Rei de Portugal (ANTT, *Gaveta XV*, 1-54; pub. in *As Gavetas*, vol. IV, p. 72 e extratexto). Não o conseguimos decifrar mas vale como testemunho da presença de peregrinos sírios no santuário.

de sua paixão é sabido ter padecido na Índia; cujo bem-aventurado corpo, tomado muito tempo depois, foi trasladado para a cidade que chamam Edessa da Síria, e aí sepulto. E naquele lugar, pois, da região da Índia onde primeiro jouve, há um mosteiro e um templo de admirável grandeza, diligentemente ornado e composto. Nesse santuário mostra Deus um grande milagre: com efeito a lucerna aí posta, e acesa diante do lugar de sua sepultura resplandece perpetuamente dia e noite por mercê divina, de ninguém recebendo acréscimo de azeite ou torcida, nem se extingue com o vento nem por qualquer caso se apaga, nem ao arder mingua; tem incremento pela virtude do Apóstolo, que é ignorado do homem e se tem por conhecido apenas do poder divino. Isto nos contou Teodoro que no próprio sítio esteve». Enumera em seguida os prodígios que se observam junto ao túmulo edessano: «na sobre-dita cidade, pois, em que dissemos estarem tumultados os seus bem-aventurados membros, ao chegar a festividade, ajunta-se grande multidão de povos de diversas regiões, com promessas; e vindo os comerciantes, dá-se-lhes licença de vender e comprar por trinta dias, sem qualquer exacção do fisco. Nesses mesmos dias que ocorrem no mês quinto (Julho), grandes e desusados benefícios são concedidos aos povos: não se levanta escândalo na plebe, não pousa mosca na mortificada carne, não falta bebida ao sequioso. E na verdade, conquanto aí nos demais dias se tire a água de poços com mais de cem pés de fundura, mal cavas pouquinho logo acharás em grande cópia águas transbordantes; o que, sem dúvida alguma, é concedido por virtude do bem-aventurado Apóstolo. E passados, depois, os dias da festividade, volta a alfândega pública, está presente a mosca que faltara; dissipa-se a proximidade das águas; após o que, mandada por Deus chuva, de tal modo alimpa o átrio do templo de todo o lixo e detritos que na festa se juntaram, que se julgaria nem sequer ter sido pisado o solo»⁹³.

Este texto tem o particular interesse de abrir uma fecunda série de narrações medievais acerca dos milagres póstumos operados por S. Tomé junto à sua tumba; e embora continue a situá-la em Edessa, atesta já claramente da existência de um outro santuário algures na Índia, no local do martírio do Apóstolo, frequentado

⁹³ *De Gloria Martyrum et Confessorum*, I, xxxij, pp. 70-72.

mesmo por peregrinos do Ocidente, como esse tal Teodoro a que se alude.

Três séculos mais tarde a sua fama permanecia intacta: conforme o testemunha a *Crónica Anglo-Saxónica*, Alfredo o Grande de Inglaterra, mandava-lhe em 883 uma legação com presentes, a agradecer ao Apóstolo os favores dispensados na tomada de Londres aos Dinamarqueses: «Ano de 883. Neste ano o exército subiu o Escalda até Condé e aí se quedou um ano. E o Papa Marino mandou o Santo Lenho a el-Rei Alfredo. E no mesmo ano levaram Sighelm e Aethelstan as esmolas a Roma e também à Índia a S. Tomé e a S. Bartolomeu, as quais el-Rei prometera quando assentaram arraiais contra o exército em Londres; e graças a Deus foi muito frutuosa a sua prece após aquele voto»⁹⁴.

Também aqui se não fala explicitamente do túmulo, embora esteja pressuposta a existência de um santuário, algures na Índia, comum aliás, ao que parece, aos dois apóstolos Tomé e Bartolomeu.

No século XII, porém, sem dúvida devido às Cruzadas e ao conseqüente incremento dos contactos com o Próximo Oriente, assiste-se a uma explosão de prodígios relacionados com o túmulo de S. Tomé, que agora se começa a situar na Índia. Na sua origem parece estar uma súbita irrupção no Ocidente da tradição local indiana — a que a dose de maravilhoso de que vinha carregada, bem ao gosto medieval, conferiria notável sucesso. Foi o caso que em 1122 um clérigo indiano por nome João — de onde talvez o nome do Preste João dado à figura mítica que poucos decénios depois se engendraria — esteve de visita a Roma, onde contou maravilhas do túmulo de S. Tomé⁹⁵.

Do episódio há um relato coevo, a *Carta de D. Odão abade de S. Remígio ao conde Tomé*, que narra em pormenor as aventuras e desventuras do prelado antes de chegar a Roma. Um outro relato, mais tardio, o *De adventu patriarchae Indorum sub Calixto papa secundo*, omite esses pormenores rocambolescos, assim como o

⁹⁴ Ed. de Benjamin Thorpe, vol. I texto anglo-saxão, vol. II trad. em inglês moderno, p. 66.

⁹⁵ Sobre as origens e evolução da lenda do Preste João o estudo mais completo é o de Vsevolod Slessarev, *Prester John — The letter and the legend*, Univ. of Minnesota Press, Minneapolis, 1959; há também um belo capítulo sobre o assunto no livro de Jean Doresse, *L'Empire du Prêtre-Jean*, II, *L'Éthiopie Médiévale*, Plon, Paris (1957).

epílogo da *Carta* em que o Papa faz o bispo João jurar serem verdadeiros todos os prodígios que narrou; mas, em compensação, dá destes uma versão mais elaborada, que inclui elementos tomados da *Passio* (como a alusão à arca de prata e ao banimento dos herejes) e talvez de S. Gregório de Tours (a história da lucerna que jamais se extingue).

Este segundo relato conheceu extraordinária fortuna, vindo a ser transcrito em várias crônicas, livros de viagens e relações hagiográficas⁹⁶ — com pequenas variações de texto para texto, que não cabe cotejar aqui. Basta que se note o que em todos eles há em comum: além do milagre da lamparina, já nosso conhecido, e do sarcófago de prata suspenso do tecto por cadeias de igual metal, que é na realidade o de Edessa, uma nova variação miraculosa do nível das águas agora em sentido inverso, e sobretudo, o prodígio operado pelo braço de S. Tomé, que pela primeira vez surge como vedeta, e se tornará no futuro protagonista de variadas maravilhas, na tradição popular como na livresca.

Traduzimos, como exemplo, a versão incluída na *Crónica* de Alberico, monge da Abadia Cisterciense de Trois-Fontaines, no bispado de Châlon-sur-Marne, falecido em 1251. Apesar de um pouco longo o passo merece ser traduzido *in extensu*, sendo como é uma das fontes da lenda do Preste João, a que nos seus alvares tão enredada andou a nossa expansão ultramarina.

«No quarto ano do pontificado do Papa Calixto II João Patriarca dos Índios, veio a Constantinopla a receber o pálio, após viagem de um ano, pois era patriarca daquela Índia que ocupa os últimos confins. O Papa Calixto, por amor da concórdia com o rei grego e romano, mandara a Constantinopla legados, pelos quais o Patriarca falando por intérprete — que dos Gregos é dito dragomano⁹⁷ — compreendeu ser Roma a cabeça de todo o orbe; e com

⁹⁶ Veja-se o seu inventário e estudo comparativo em Paul Devos, «Le miracle posthume de St. Thomas l'Apôtre» in *Analecta Bollandiana*, tomus LXVI, Société des Bollandistes, Bruxelas, 1948, pp. 231-277. O recente artigo de Roberto Beylot, «Au sujet du prodige des eaux dans les récits d'un miracle posthume de l'Apôtre Saint Thomas» in *Journal Asiatique*, CCLXXI, 1983, n.º 3-4, pouco lhe acrescentava.

⁹⁷ Δραγομάνος, helenização do termo siríaco *targmânâ*, «intérprete, língua» da raiz de *targem* «interpretar», que aparece também no hebraico *targum* «escólio interpretativo da Bíblia» e, através do árabe *turjamân*, no português *turgimão*, castelhano *trujaman* ou *trichiman*, francês *truchement*, «intérprete».

eles veio a Roma. O qual, interrogado sobre a sua pátria na presença do Papa e cardeais disse por intérprete: a cidade a que por dom de Deus presidimos chama-se Última⁹⁸, a qual é, na verdade, de todo o reino índico cabeça e dominadora, cuja grandeza se estende por quatro dias de caminho em redor. E das muralhas entre as quais é sita é tal a espessura que poderiam sobre ela passar juntos a par dois carros dos Romanos. E em altura tamanha é sua elevação que em comparação com os celeiros dos Romanos pareceria extensa. Pelo meio dela mana limpidíssimo o Fison, um dos rios do Paraíso, lançando fora com suas águas preciosíssimo ouro e pedrarias. Toda ela é por dentro abundantemente habitada de cristãos fidelíssimos. Um pouco fora, porém, dos muros da cidade há um monte isolado, cercado a toda a roda pelas águas dum lago profundíssimo, em cujo cimo queda a madre igreja do beatíssimo Apóstolo Tomé. E em volta do lago por fora, erguem-se os mosteiros dos doze Apóstolos. O sobredito monte, todavia, a nenhum dos homens é acessível durante o ano. O Patriarca, contudo, entra nele uma vez ao ano, pois que oito dias antes da festa do Apóstolo e após ela outros tantos, se desvanece a abundância das águas. No cibório da igreja pende de cadeias de prata uma concha, onde o sagrado corpo do Apóstolo se conserva ileso e se vê de pé sobre ela erguido como se vivo fosse; ante cuja presença uma lâmpada de ouro acesa se acha repleta de bálsamo de ano a ano. Divide-se pelos fiéis aquele bálsamo e daí se operam curas de muitíssimos. O Patriarca com os bispos baixam a concha com o corpo e colocam aquele corpo sagrado num assento de ouro diante do altar. Por vontade do Criador mantém ainda a primitiva forma, com suas vestes ilesas. Após a missa o Patriarca confecciona hóstias e de joelhos flectidos oferece-as ao Apóstolo, que por uma dispensação do Criador, com a mão direita estendida logo as recebe; e aproximando-se todo o povo, um após outro, recebe cada um de sua mão uma hóstia. Se algum homem infiel, erróneo ou infectado de mancha de pecado se aproximar, à vista de todos retrai e fecha a mão e não a abre enquanto presente for; e ele ou logo se arrepende ou logo morre. Terminadas estas coisas repõem o sagrado corpo

⁹⁸ Noutras versões aparece Ulna.

do Apóstolo na dita concha. O povo volta para casa e as águas céleres regressam ao primitivo estado»⁹⁹.

Já no século XVIII Miguel Le Quien acusaria acremente o pobre clérigo indiano que estas maravilhas contou de inventar patranhas na mira de receber qualquer espórtula¹⁰⁰. Mais recentemente chegaram alguns a pôr em dúvida a historicidade da própria vinda a Roma do bispo João; provou-se, contudo, que estava nesse momento em Roma o abade D. Odão, que do evento deu nesse mesmo ano a primeira notícia — pelo que não é lícito pôr em dúvida que o clérigo tenha narrado pelo menos as maravilhas que a *Carta de D. Odão ao Conde Tomé* compendia. O que nos não parece tão seguro é que ele tenha, de facto, vindo das Índias. Se o colocar aí, a vera tumba de Tomé aponta para a tradição sul-indiana, os prodígios que refere parecem antes apontar para o Próximo-Oriente, onde, como em breve vamos ver, corriam lendas de quase idêntico teor.

Seja como for, estava-se entre a 1.^a Cruzada (1098) e a 2.^a (1145), época em que se ansiava por dar às «passagens de ultramar» um fundamento ideológico, histórico-jurídico, místico ou mítico. Não admira pois que algumas das maravilhas aqui relatadas venham a reaparecer poucas décadas volvidas no texto da célebre carta em que o Preste João das Índias descreve ao imperador bizantino, Manuel Comneno, o seu paradisíaco reino. A carta é, naturalmente, uma falsificação, que tem sido atribuída a Cristiano, arcebispo de Mogúncia (1165-1183)¹⁰¹.

Conquanto na literatura menos aberta ao maravilhoso não tenha a maior parte dos prodígios aqui narrados recebido jamais

⁹⁹ *Chronica Alberici*, M. G. H., Scriptorum t. XXIII, Hanover, 1874, pp. 824-826. Pode ver-se o texto latino das versões da Epístola de Odão e de Pedro Calo no artigo de P. Devos citado acima, nota 96.

¹⁰⁰ R. P. F. Michaelis le Quien, *Oriens Christianus*, in *quator patriarchatus digestus, quo exhibentur Ecclesiae Patriarcae caeterique praesules totius Orientis*, tom. II, Paris, 1745, col. 1275.

¹⁰¹ Pode ver-se a tradução portuguesa anotada da versão em francês antigo do texto da carta em Domingos Maurício, «A 'carta do Preste João' das Índias e seu reflexo nos descobrimentos do Infante D. Henrique», in *Brotéria* 71 (1960) 218-244; e o texto latino conservado no Códice Alcobaçense CCLVI/380 da B.N.L., também com tradução portuguesa e abundantes notas em Domingos Maurício, «Ainda a 'Carta do Preste João' das Índias» in *Brotéria* 72 (1961) 285-303. O *Livro do Infante D. Pedro de Portugal*, inclui também ao fim uma versão resumida da carta.

foros de cidade, nem por isso o relato deve ter deixado de contribuir para acreditar na Europa a ideia de que ficava afinal na Índia a verdadeira sepultura do Dídimo.

Duas circunstâncias vieram para isso contribuir: por um lado a intensificação dos contactos com a Ásia, visitada desde o segundo quartel do século XIII por sucessivos viajantes europeus, dos quais alguns passaram em Meliapor; por outro a quebra de prestígio das ossadas do Apóstolo (ou do que como tal era venerado em Edessa), em bolandas pelo Mediterrâneo. Na «cidade abençoada por Deus» o culto de S. Tomé integrava-se num complexo de que eram também parte a lenda do rei Abgar, que se carteu com Jesus Cristo, a história de Addai, discípulo e apóstolo da Alta Mesopotâmia, tradições relativas aos Santos Anárgiros, Cosme e Damião — os médicos que não recebiam dinheiro dos doentes — e outras, bem enraizadas já em começos do século V, quando Etérea as anotou. Quando as relíquias se estabilizaram de novo em Ortona era já tarde: a fama do túmulo de Meliapor invadia a cristandade, e Ortona nunca pôde competir, de longe sequer, com Compostela e outros famosos santuários do Ocidente.

Na literatura siríaca assiste-se a um fenómeno curioso: se alguns autores do século XIII como Bar Hebraeus (1225-1286) supõem ainda o corpo de S. Tomé em Edessa, outros como Salomão de Baçorá (c. 1222), hesitam, como vimos na epígrafe do presente capítulo. Para outros, finalmente, é indubitável que na Índia jazem os restos do Santo Apóstolo: tal é o caso de Jesuyab, bispo de Soba ou Nisibis de 1190 a c. 1222, que no seu *Livro da Demonstração da Verdadeira Fé* se compraz em demonstrar, contra os Gregos e Romanos que se gloriavam dos seus Padres e Doutores eclesiásticos, a antiguidade da fé no Oriente: «se o Ocidente tem Jerusalém, nós temos o Paraíso e as almas de todos os justos; e em matéria de corpos de Santos temos o do Profeta Ezequiel em Zaba, o de Daniel em Susa, o de S. Tomé na Índia, o de S. Tadeu em Edessa»¹⁰². Na *História dos Patriarcas Nestorianos* de Amr filho de Mateus, no século imediato, a informação repete-se com maior concreção: o túmulo queda na Índia, na ilha ou península de Meilan, à direita do altar do seu mosteiro¹⁰³.

¹⁰² Parte IV, cap. II; vide o *Catálogo dos Autores Siríacos* de Ebedjesus, cap. CXCIV in *B. O.*, III, j.

¹⁰³ *B. O.*, III, ij, 34.

Se na Síria e Mesopotâmia dos séculos XIII-XIV as alusões ao túmulo indiano de S. Tomé são sóbrias e lacónicas, no Egipto e na Etiópia voltamos a topar com descrições mais ricas, em que se repetem, com variações ligeiras, os prodígios narrados em 1122 à corte pontifícia pelo misterioso bispo João. Não será de todo ilógico supor que este proviesse na realidade da Etiópia — compreendida também em geral, como sabemos, na designação genérica de «Índia» dada ao conjunto dos países da periferia do Oceano Índico a Leste do Nilo. Assim se explicaria, por um lado, que referisse a lenda dos milagres póstumos de S. Tomé em termos tão próximos dos que reencontramos no Egipto e Etiópia; por outro, que aludisse à Índia *stricto sensu*, onde queda uma das tumbas do Apóstolo, de uma forma tão vaga e mítica.

Seja como for, a verdade é que a história dos milagres póstumos do Dídimo nos reaparece, com variações ligeiras, quer em versão etíope no *Sinaxário* da Igreja Abexim, aos 26 dias do mês de Genbot (21 de Maio) ¹⁰⁴, quer em versão árabe, na obra do Xeque Abu Çalih al-Armini, um cristão egípcio de origem arménia (como o seu nome indica e a confirma o conteúdo da obra). Nada se sabe do autor, cujo nome, escrito por mão mais recente, aparece na primeira página do único manuscrito, datado de 1338, que nos conserva a obra. A análise interna desta revela-nos que foi compilada entre 1173 e 1208 — pouco mais de meio século após a visita do bispo João a Roma. A popularidade da história no Egipto, volvidos mais dois séculos, é atestada pela *Relação da Pregrinação a Jerusalém* de Nicolau de Martoni, notário de Carinola, em 1394-95: voltou a contar-lha o Patriarca Copta, que visitou no Cairo «tido por homem santíssimo, que se diz dominar em toda'las partes da Índia Maior e Menor».

Eis a versão inclusa na relação de Abu Çalih o Arménio, intitulada *Memória em que dá notícia das igrejas e mosteiros das partes do Egipto e suas dependências*:

«Índia: Não há aí calor nem frio, porque é no Equador. É o país da Etiópia denominado a Índia. Todos os daí prestam culto aos budas, ao sol e ao fogo. Deste país da Índia são as costas distantes das do Egipto; é deveras vasto e há nele uma multidão

¹⁰⁴ *Sinaxário Etíope*, 26 de Genbot; ed. de E. A. Wallis Budge, *The book of the Ethiopian Saints*, vol. III, *sub die*.

de gentes. Rodeia-o o mar e profundidade de águas, por onde fazem travessia os navios em direcção ao Egipto. Por terra jaz junto aos confins da Pérsia. Reinou aí outrora o culto dos ídolos com sua escuridão; mas foi-lhes enviado Tomé, o maior dos Doze, a anunciar ao povo a mensagem da salvação. E quando este apóstolo sublime os trouxe do culto dos ídolos ao conhecimento da justiça e à via da salvação, baptizou-os em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. E tendo recebido dele a fé ortodoxa, ergueram igrejas numerosas, em que lhes pregou. E dos que dele receberam conhecimento da verdade, escolheu bispos, prestes e diáconos, e ensinou-lhes as regras dos officios e da consagração dos mistérios sacrossantos, a oferecer incenso em suas orações e missas. E conduzindo-os ao conhecimento de Deus operou ante eles sinais milagrosos e prodígios desusados, jamais vistos nem ouvidos; e assim confirmaram sua fé, até que abandonaram o culto dos ídolos e a oferta de sacrificios e se convenceram que era seu dever racional não permanecerem na sombra da infidelidade.

Então quando suas mentes e seus corações foram iluminados, edificaram uma igreja ao glorioso Tomé que os guiara. E nesta igreja que eles ergueram e dedicaram a esse glorioso apóstolo Tomé de que receberam a fé ortodoxa, manifesta-lhes Deus um grão sianl: quando quedou terminado o edificio da igreja ordenou Deus que cobrisse o mar o caminho; pois, martirizado esse glorioso apóstolo, concluído seu combate, e obtida a coroa do martírio, fora trasladado seu corpo santo para essa tal igreja, onde o depuseram numa arca de maravilhosa manufactura; e a recobriram de ouro. E quando eles testemunharam este outro prodígio, após seu martírio, a saber, que sua mão direita se não alterava de sua aparência em vida, como dantes era quando viva, maravilharam-se com isso e fortaleceu-se sua fé. Pelo que fizeram, na arca, uma abertura pela qual a sua santa mão veio fora, em sinal manifesto para quantos a vissem. E desde então torna atrás o mar, que cobre todo o ano o caminho que liga à igreja, pois manda Deus — grande é o seu nome! — um vento que afasta o mar e descobre o caminho da igreja, para reunião do povo em sua festa. E vinham a ela de todas as partes, caminhando pela estrada para a igreja, tal como caminharam os filhos de Israel, quando para eles se fendeu o Mar Roxo sob a condução de Moisés profeta, que por eles orou diante do Senhor. Assim do mesmo modo Deus — a Ele louvor! — fez aparecer sinal semelhante àquele em nosso tempo, pelas preces

deste glorioso apóstolo e sua grande dignidade aos olhos do Senhor, que semelhantemente confirmou seu ensinamento por tão potente e magno milagre, que jamais cessou. E assim se junta o povo para essa grande festa, a celebra e recebe bênçãos. E assim os sacerdotes consagram e tomam os santos mistérios e mergulham o corpo consagrado no sangue puro; e colocam-no depois ali naquela pura mão. E recebe cada um do povo os santos mistérios da palma dessa pura mão; e não cessam de assim comungar um após outro até que agarra a mão algum do povo; então glorifica toda a congregação a Deus por isso, e comungam os sacerdotes e o resto do povo. E tomam aqueles a arca em suas mãos, com cânticos e júbilo assaz, e colocam-na em seu sítio, após o que a beija o povo e é abençoado por ela. Depois de terminado o ofício na igreja, antes que parta o povo à sua vida, são abençoados por aquele homem que Deus escolheu de entre o povo para ali ficar durante um ano ao serviço daquele corpo puro, e sobre ele acender lâmpadas durante a noite e dia. E deixam junto dele tudo quanto possa para si haver mister; e partem todos eles para suas moradas. E então quando a cópia de gentes alcança a terra firme e não quedou deles nenhum atrás, volta o mar para donde estava e submerge o caminho da igreja. E quando um ano volvido tornam para a festa acham este homem, que servia o corpo santo de Tomé, estendido ali, naquele preciso momento. E tornou-se isto uma cerimónia corrente que jamais foi interrompida ao longo dos tempos.

Glória a Deus, grande e magnífico nos seus santos, que por seu intermédio opera tais milagres; a Ele a glória!»¹⁰⁵.

Não é para admirar que a tradição legendária acerca do túmulo de S. Tomé na Índia tenha acabado por atingir maior desenvolvimento no Egipto, e na sua «colónia eclesiástica», a Etiópia, que no Próximo Oriente Asiático onde sobrevivia ainda com todo o seu peso, a tradição de Edessa. Podemos com efeito, considerar que é no texto que acaba de ser citado, como, no Ocidente latino na *Crónica* de Albérico e textos que a reproduzem, que a lenda do túmulo de S. Tomé atinge o seu apogeu. Nos últimos séculos da Idade Média devido ao incremento dos contactos com a Ásia

¹⁰⁵ Fl. 1086 e seg. do ms., p. 136 e seg. da ed. de Evetts. A tradução que apresentamos, feita sobre o original árabe, só foi possível graças à prestimosa ajuda do nosso colega e amigo Dr. António Manuel Clemente Lázaro a quem penhorado agradecemos.

extrema¹⁰⁶, a Índia real substituir-se-á gradualmente à Índia mítica, e a lenda de S. Tomé, excepto numa certa literatura de semificação, entrará em declínio. Como, porém, vamos ver, os seus temas centrais, alterados muito embora, subsistirão tenazmente até ao século de Quinhentos, aflorando ainda na literatura portuguesa ultramarina.

De facto, toda a lenda, na diversidade das suas versões, gira em torno de dois temas centrais: o prodígio da mão de S. Tomé, e o das águas.

Do primeiro é assaz evidente a origem. Conta S. João Evangelista¹⁰⁷ que oito dias após a ressurreição de Jesus, S. Tomé, que não estava com os demais apóstolos quando Jesus lhes aparecera e pusera o facto em dúvida, se convenceu finalmente da verdade da ressurreição quando pôde tocar o corpo do Senhor e meter a mão na chaga do seu Lado. A incorruptibilidade do corpo glorioso do Ressuscitado ter-se-ia assim comunicado ao braço que o tocara — e daí os variegados prodígios que se lhe atribuíram. Vimo-lo já distribuir a comunhão aos crentes e designar o homem que o havia de servir durante um ano, para tombar enfim morto na véspera da nova festa.

Nas fantásticas *Viagens de Sir John Mandeville* — um itinerário romanesco, formado em grande parte de retalhos de itinerários autênticos, compilados entre 1357 e 1371 em Liège por um certo Johains à la Barbe ou Jehan de Bourgogne, mas conhecido sobretudo na sua versão inglesa, cuja primeira edição impressa data de 1499 — é o braço de S. Tomé quem no país de Mobar administra a justiça. É o que nos explica o capítulo XIX da obra, que traz por título «das ordenanças feitas por mão de S. Tomé; da devoção e sacrifícios feitos aí aos ídolos na cidade de Calamyé; e da procição em que se vai em torno da cidade»:

«... Deste país passam os homens por muitas marcas até um país que jaz daí a 10 jornadas, que é dito Mabaron; e é grande reino e tem mui fermosas cidades e vilas.

¹⁰⁶ Sobre os viajantes europeus na Ásia durante a Idade Média, vide Yule, *op. cit.*; Jean-Paul Rox, *Les explorateurs du Moyen Age*, Fayard, Paris, 1985; Francis M. Rogers, *The Quest for Eastern Christians: travels and rumor in the age of discovery*, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1962. A maior parte dos textos originais está publicada na *Sinica Franciscana* de A. van den Wyngaert.

¹⁰⁷ *João* 20, 26-29.

Neste reino jaz o corpo de S. Tomé, o Apóstolo, em carne e osso, num fermoso túmulo na cidade de Calamye; pois foi aí martirizado e sepulto. E levaram homens da Assíria seu corpo para a Mesopotâmia, para a cidade de Edessa, mas depois foi para ali trazido novamente. E o braço e mão que ele meteu no lado de Nosso Senhor, quando após sua ressurreição lhe apareceu e lhe disse *Noli esse incredulus sed fidelis*, jaz porém num vaso fora do túmulo. E por essa mão fazem, eles todos seus julgamentos no país, de quem tem razão e de quem não. Pois que quando há qualquer dissensão entre duas partes e mantém cada uma delas sua causa e diz que sua causa é a direita, e a outra diz o contrário, então ambas as partes escrevem suas causas em dois bilhetes e os põem na mão de S. Tomé. E logo ele lança fora o bilhete da causa má e retem o bilhete com a causa boa. E por esta razão vêm homens de países distantes pera haverem justiça nos casos duvidosos. E de outra justiça não usam i»¹⁰⁸.

No não menos mítico *Livro do Infante D. Pedro de Portugal*, do punho de Gomez de Santisteban — que desde a primeira em 1515 até à derradeira em 1918 conheceu 123 sucessivas impressões — é ainda a mão de S. Tomé quem à morte dum Preste João lhe designa o sucessor. É o que nos explica o capítulo XIX, «de como eligen al preste Juan delas indias»: «allegan se todos los prestes de missa en la ciudad de Alues que es dicha edicia; & andan todos en procession en derredor del apostol: & aquel que le plaze a dios que sea preste: & señor de los otros: el apostol tiende el braço contra el y abre la mano. Y entonces lo toman todos los otros con gran solennidad & llegan lo a do esta el apostol. Y aquel que ha de ser preste besa la mano a santo Thomas & todos besan la suya del preste Juan. E assi queda señor toda via: & llaman le preste Juan & toma la cinta de santa Maria: la qual echo la señora quando la subieron los angeles alos cielos. & tomo la santo Thomas & ponen la en dos vergas de oro atrauessada por encima: e van fasta el altar de sancto Thomas cantando el euangelio de sant Juan: & desta manera es elegido preste fasta que fina». Nos inícios da centúria de Quinhentos a mesma história aparece numa das *Cartas dos Marchioni*; só que aí prevalece como é corrente desde o

¹⁰⁸ Traduzimos da versão inglesa quatrocentista publicada por A.W. Pollard, e indicada *infra* na lista alfabética das fontes.

século XIV, a identificação do Preste João com o Negus da Abissínia — o que obriga a situar nesse país a tumba de S. Tomé.

Na tradição popular do Sul da Índia — que é a que ecoa na nossa literatura ultramarina — o braço recusou entrar na sepultura. Duarte Barbosa narra assim o prodígio: «ho braço direito lhe nom poderom nunca enterrar nem meter dentro da coua; se lho cobriaom, quando uinhaom ha ho outro dia estaua fora, e asy lho leyxarom ficar». Assim esteve pois até que vieram uns chinas que o quiseram cortar e levar como relíquia; então «ho bemauenturado Sam Tomee encolheo ho braço pera dentro e nunca ho mais feriraom»¹⁰⁹. A história repete-se com variantes na *Inquirição de 1530*, no resumo que dela dá nas *Lendas* Gaspar Correia¹⁰¹, em Castanheda¹¹¹, etc. Nos escritores mais recentes a atitude para com milagres deste género começa a ser mais crítica, e desaparecem as alusões aos prodígios operados pelo braço do Apóstolo. Diogo do Couto já apenas refere a cura miraculosa, de um homem a quem um tigre arrancara a mão com que esbofeteara o Santo, comentando: «não sei qual he a razão por que os Escritores modernos tem por apocryfos estes milagres, pois não repugnam à razão ...»¹¹². O episódio das bofetadas aparece já nos *Actos* apócrifos de Tomé, mas aí o Apóstolo pede a Deus que lhe perdoe na vida eterna, mas que seja castigado nesta.

O milagre das águas, é, ao contrário dos do braço, de origem obscura. Quis-se ver nele uma reminiscência do Lago de Urmiah, cujas águas sofrem enormes variações de nível consoante as estações. Tampouco é impossível ver nele uma alusão à Ponte de Adão, rosário de ilhotas e recifes que quase unem Ceilão ao subcontinente indiano, e emergem mais ou menos consoante as marés e as luas. Foi por certo este acidente geográfico, não muito distante de Meliapor que mereceu ao Coromandel o seu nome árabe de Ma'bar, «a passagem»¹¹³, com que topámos já algumas vezes. Na *História*

¹⁰⁹ Pp. 354-355 da ed. da Academia Real das Sciencias, 1867.

¹¹⁰ Vol. III, cap. XXVI de Nuno da Cunha, p. 422.

¹¹¹ I, lxj.

¹¹² XII, iij, 4.

¹¹³ *Maebbar* em Montecorvino, *Maabar* em Marco Polo, *Mobar* em Mandeville, transcrevem o nome que os geógrafos árabes da Idade Média dão ao Coromandel *ma'bar*, «ponto de passagem, travessia, vau». É substantivo verbal da raiz de 'ábara «passar, cruzar, atravessar», comum a todas as línguas semíticas — de onde deriva também o nome dos *hebreus* ('ibrî, pl. 'ibrûn em

dos Sultões Mamelucos, do cristão egípcio Mufazzal Ibn Abil-Fazail, terminada em 1358, a imagem da Ponte de Adão aparece de certo modo associada ao túmulo de S. Tomé em Meliapor, objecto de peregrinações de mouros e cristãos. Aí se explica que para fazerem uma peregrinação completa, os faquires visitam nas Índias quatro lugares santos: o túmulo de Ratan Mu'ammār as-Sahabi (pretensão companheiro de Mafoma), o «pé de nosso padre Adão», no pico do mesmo nome em Ceilão, «o convento de Mar Tuma que foi um dos Apóstolos» (ou seja o túmulo de Meliapor), e enfim a tumba do Sultão Mahmud de Ghazni, o primeiro conquistador muçulmano do Hindustão (1000 A.D.). Particularmente difícil e arriscada é a ascensão ao Pico de Adão a que Alexandre Magno atou duas cadeias de enormes elos; é com trabalho infinito que os peregrinos o alcançam, passando dez pilares que existem no mar ocultos sob as ondas, de superfície assaz lisa: ao saltar de um para outro muitos caem ao mar, onde há sanguessugas enormes. É daí que «os peregrinos vão visitar o convento de Mar Tuma que possui a mão eternamente viva de um dos discípulos de Nosso Senhor o Messias; no convento há um nicho abobadado onde se encontra a mão e óleo santo dessa mão»¹¹⁴.

Parece-nos, contudo, incerto que a chave do mistério da origem do milagre das águas seja uma explicação de tipo «evemerista». A tendência de S. Tomé para bulir com os níveis hidrostáticos vinha já de muito longe, pois já no século VI em Edessa, como o atesta S. Gregório de Tours, provocava aquando da sua festa anual uma subida dos lençóis freáticos que permitia abebentar sem esforço os peregrinos.

A crença nessa virtude do Santo chegou, sob uma forma diferente, ao século XVI, a tempo de se reflectir na nossa literatura ultramarina. Não se trata agora de um prodígio cíclico, mas de um fenómeno gradual e único, portador de uma significação profética — que permitiria estabelecer entre S. Tomé, fundador da cristandade da Índia, e os Portugueses seus continuadores, uma relação providencial. Segundo essa tradição, referida por vários dos nossos escritores quinhentistas (entre os quais Camões)¹¹⁵,

árabe, *‘ebrâyâ* em siríaco, etc.) «os que passaram [o Mar Vermelho]». Cf. Yule, *op. cit.*, p. xcvi; Tibets, *op. cit.*, pp. 57, 63, 96-97; Hobson-Johnson, s. v.

¹¹⁴ P.O. XII, 3; XIV, 3; e XX, 1; pp. 191-193.

¹¹⁵ Barros, III, vji, ii; *Inquirição de 1530*, testemunho de Khoja Ali, xabandar mouro de Paleacate; *Lusíadas*, X, 109; cf. *supra*, cap. I.

a profecia dever-se-ia ao próprio Apóstolo. Distanto em seu tempo Meliapor do mar espaço de umas doze léguas, «este Santo dissera que quando o mar chegasse a sua Casa gentes da parte do Ponente que professariam a Fé de Deus que ele prégava, viriam ali honrar o mesmo Deus em seus sacrifícios». Ora, até à chegada dos Portugueses, «o mar per tanto tempo comeu até estar daquela Casa um tiro de pedra»; assim se chegara a uma espécie de plenitude dos tempos, a um período final, definitivo, pois, para sossego de quantos ali haviam de fixar residência, o Santo anunciara também que o mar «porem daly nom pasarya ...».

Seja como for, da lenda medieval dos milagres póstumos de S. Tomé não subsistiam no século XVI senão resíduos quer na literatura romanesca do Ocidente quer na tradição oral das cristandades locais. O resto não pudera sobreviver à intensificação dos contactos entre o Ocidente europeu e a Ásia desde meados do século XIII, quando João de Piano del Carpine, em 1245-47, abriu a série dos viajantes ocidentais nas entranhas da Ásia. Embora o fulcro das atenções fosse a Tartária, e por extensão a China — dominada de 1276 a 1367 pela dinastia mongol Yüan — mais de um viajante foi por circunstâncias várias forçado a utilizar a via marítima, mais longa, e a escalar assim portos indianos. É o que faz à ida para a China em 1291-92 o franciscano João de Montecorvino, à vinda da China, no ano imediato, o bem conhecido Marco Polo. Ambos visitaram em Meliapor o túmulo de S. Tomé. O primeiro apenas lhe faz duas alusões lacónicas: uma, na carta que aos seus confrades do Ocidente escreveu «de Maebar, cidade da província da Cítia da Índia Superior», a qual, «Índia Superior é dita Maebar no país de S. Tomé»¹¹⁶; outra na carta escrita em Cambalic — isto é, Pequim — em 8 de Janeiro de 1305: «parti de Tabriz, cidade dos Persas no ano do Senhor de 1191 e entrei na Índia, e estive no país da Índia e na igreja de S. Tomé Apóstolo quatorze meses; e aí baptizei cerca de cem pessoas em diversos lugares; e foi-me em minha caminhada companheiro Frei Nicolau de Pistoia, da Ordem dos Frades Pregadores, que aí morreu e foi sepulto na mesma igreja»¹¹⁷.

Quanto a Marco Polo, o país de Maebar e o túmulo de Meliapor recebem no seu *Livro* as honras de um capítulo inteiro — que

¹¹⁶ *Sinica Franciscana*, I, pp. 340-345; cf. Yule, *op. cit.*, pp. 209 e seg.

¹¹⁷ *Sinica Franciscana*, I, pp. 345-351; cf. Yule, *op. cit.*, pp. 197 e seg.

contém não só a primeira descrição autêntica detalhada da tumba do Dídimo na literatura ocidental como o mais antigo resumo conhecido da versão local da lenda de S. Tomé¹¹⁸.

No relato de viagem do Beato Odorico de Pordenone (1286-1331), que por 1322 repetiu aproximadamente o itinerário de Montecorvino a alusão ao túmulo de S. Tomé é novamente fugaz, mas precisa: «deste reino (Coulão) são dez dias até um outro reino, por nome Mobar, que é mui grande reino, tendo sob si muitas cidades e terras; e neste reino está posto o corpo do Bem-aventurado Tomé Apóstolo, cuja igreja está cheia de numerosas imagens; junto à qual haverá também umas 15 casas de cristãos nestorinos, que são vilíssimos herejes»¹¹⁹.

O mais curioso dos textos desta época sobre Meliapor é quicá o de João de Marignolli, que por lá passou em 1348, no regresso da China. Vale, pois, a pena traduzi-lo integralmente.

«A terceira província da Índia chama-se Maabar, onde fica a igreja de S. Tomé, que por sua própria mão edificou, e outra que edificou com obreiros a que pagava com pedrinhas marinhas que aí vimos; e de um madeiro cortado no monte de Adão em Ceilão que fez serrar, do pó da serradura se semearam árvores. E foi aquele grandíssimo madeiro cortado por dois escravos seus e por seu próprio cinto puxado até ao mar. E deu ordens ao lenho dizendo: 'vai e espera-nos no porto da cidade de Mirapolis'. E como chegasse a este, andava el-Rei com todo seu exército buscando puxá-lo a terra, e não o puderam mover dez mil homens. Então chegou S. Tomé Apóstolo, vestido com camisa, estola e manto de penas de pavão, montado em um asno, acompanhado daqueles dois escravos seus e de dois grandes leões, como se vê pintado, e clamou dizendo: 'não toqueis no lenho que é meu!' 'E como — disse el Rei — o provas teu?' o qual, desatando o cordão de que estava cingido, ordenou aos escravos: 'amarrai o lenho e puxai-o para terra'. E trazido ele a terra com toda a facilidade, logo se converte el Rei e lhe dá de terra quanto queira circundar com o asno. De dia edificava igrejas na cidade, mas de noute afastava-se obra de três milhas italianas, donde há pavões inúmeros; pelo que, ferido por uma seta, das que chamam frechas, no lado, assim como metera

¹¹⁸ Cap. clxxvij (III, xxvij).

¹¹⁹ Cap. XVIII; *Sinica Franciscana*, I, p. 442; cf. Yule, *op. cit.*, pp. 81 e seg.

a mão no lado de Cristo, à hora de Completas, jazendo diante de seu oratório e vertendo pelo lado o sangue todo, toda a noite pregou e de manhã deu a Deus a alma. Os sacerdotes ajuntaram então daquela terra misturada ao sangue e com ela o sepultaram, da qual eu vi um milagre expresso que em minha pessoa se reproduziu e noutro sítio hei-de contar. E manifesta-se ali um milagre contínuo, tanto com a abertura das águas como com os pavões. E quanta mais se tira daquela terra em um dia tanta nasce ao outro; da qual se curam, bebendo, as moléstias; e tanto aos cristãos como aos Tártaros pagãos se fazem milagres patentes. Deu também aquele rei a balança do peso da pimenta ao bem-aventurado Tomé, bem assim como a de todas as especiarias e aromas, para sempre; a qual niguém lhes pode tirar sem perigo de morte. Estivemos ali quatro dias; há i enorme pescaria de pérolas ...»¹²⁰.

Pena é que se haja olvidado Marignolli de narrar em outro passo, como neste prometera, os vários milagres que em Meliapor se produzem, e especialmente o das águas ...

Interessante é, todavia, notar que, tal como Marco Polo, alude já a dois temas que reaparecerão na nossa literatura quinhentista, o dos pavões e o do madeiro. Fica-se, pois, boquiaberto de pasmo ao ler afirmações do calibre das do bispo anglicano Leslie Brown (profundo conhecedor, para mais, de todas estas fontes e da história das antigas comunidades cristãs da Índia): «it is clear that the the identification of the Mylapore tomb as the burial place of Saint Thomas the Apostle and the ascription of special sanctity to various places in the locality (...) were entirely the work of the Portuguese, whose known attitude towards the saints and eager desire to find apostolic relics do not induce confidence in their historical judgement or critical examination of the facts!»¹²¹.

¹²⁰ *Sinica Franciscana*, I, pp. 544-545; cf. Yule, *op. cit.*, pp. 377 e seg.

¹²¹ *Op. cit.*, p. 57.

III

Os Portugueses em demanda das relíquias do Apóstolo

... E quanto à casa de S. Tomé Apóstolo, eis que partiram para lá alguns cristãos e se estabeleceram nela e se ocupam de sua restauração. E queda distante do sítio dos ditos cristãos uns vinte e cinco dias de caminho; e é sobre a costa do mar, numa cidade que se chama Mailapur...

... E sabei também, ó padres nossos, que mandou um rei dos cristãos do Ocidente, que são os nossos irmãos Frangues a estas partes da Índia navios poderosos...

... e o seu rei chama-se Emanuel — de quem sempre seja Emanuel o guarda!

*Carta dos Bispos caldeus do Malabar ao Patriarca de Babilónia, no ano 1815 dos Gregos, 1504 A. D.*¹²²

No período que medeia entre as viagens de Marignolli e seus coevos e a chegada dos Portugueses à Índia os contactos da Europa com a Ásia rarificam-se — devido a uma cadeia de factos que começa com a queda dos últimos redutos francos na Terra Santa (1291); passa pela islamização dos Ilkhans mongóis do Irão (1295), e pela do Turquestão, com consequente ruína das cristandades da Ásia Central (1342); e prossegue com o advento da dinastia nacionalista Ming na China (1367), a somarem-se aos problemas entretanto sobrevindos no Ocidente, com a peste negra de 1348 e o início do Grande Cisma em 1377¹²³. Rareiam assim as referências directas ao túmulo de Meliapor; é quase um século após o relato de Marignolli que o encontramos mencionado na literatura europeia de viagens: visita-o no segundo quartel do século XV o vene-

¹²² Traduzimo-la na íntegra, anotando-a copiosamente no nosso estudo «A Carta que mandaram os Padres da Índia, da China e da Magna China...», cf. *supra*, nota 38.

¹²³ Vide as obras citadas *supra*, nota 42, e ainda G. F. Hudson, *Europe & China, a survey of their relations from the earliest times to 1800*, Beacon Press, Boston, reed. 1961.

ziano Nicolo de' Conti cuja viagem foi depois narrada em latim por Poggio Bracciolini¹²⁴. É já depois da chegada dos Portugueses à Índia — embora antes dos seus primeiros contactos com o Coromandel — que deve ter passado na região o bolonhês Ludovico de Varthema. A autenticidade de parte do seu *Itinerário*, que já na época suscitou dúvidas a Garcia d'Orta, permanece duvidosa¹²⁵; de qualquer modo a referência que contém ao túmulo do Apóstolo, lacónica e marginal, é explicitamente atribuída a uma informação indirecta, recolhida pelo autor junto dos cristãos da terra¹²⁶.

Os Portugueses tiveram notícia da Casa de S. Tomé em Meliapor e das peregrinações que aí faziam os cristãos do Malabar pela viagem de Pedro Álvares Cabral, em 1501¹²⁷. D. Manuel comunicou a nova aos Reis Católicos pela sua *Carta* de 28 de Agosto desse ano — indício da importância que atribuía ao facto. A notícia espalhou-se, aliás, na Cristandade por outras vias ainda: Bartolomeu Marchioni, mercador florentino, estante em Lisboa, em carta de 27 de Junho desse ano, informava para Itália: «acharam o corpo de S. Tomé, Apóstolo, o qual não puderam haver, e muitas outras relíquias de que trouxeram aqui quantidade a el Rei»¹²⁸. Mais optimista ainda, o enviado veneziano Domenego Pixani, asseverava em carta datada de um mês depois: «à vinda chegaram a ãa ilha onde está o corpo de S. Tomé; o senhor daquela ilha lhes fez grande agasalho e lhes deu as relíquias de S. Tomé»¹²⁹. Trata-se, como sabemos, apenas de terra e pó, recolhidos sobre a tumba¹³⁰.

Pouco depois, graças à *Relação de José da Índia*, divulgavam-se pela imprensa na Europa informes mais concretos¹³¹.

¹²⁴ Major, *op. cit.*, pp. 7 e seg.; Marco Paulo, fl. 81-81v.

¹²⁵ *Colóquios dos simples e drogas ...*, colóquio IX, «Do Benjoim».

¹²⁶ Livro III, capítulo do Coromandel, cidade da Índia, pp. 171-172.

¹²⁷ Vide *Navegação de Pedro Álvares Cabral*, cap. XIX; *Crónica Anónima*, caps. 9-11; Barros, I, v, 1-9; Castanheda, I, xxx-xlii; Gaspar Correia, I, caps. I-XV de Pedro Álvares Cabral; Góis, I, liv e lx.

¹²⁸ *Cartas dos Marchioni*, n.º 1; trad. em inglês por Brooks Greenlee, *op. cit.*

¹²⁹ Ver a *Carta* de Domenego Pixani, pub. por Eugénio de Castro.

¹³⁰ Cf. *supra*, cap. I. O uso do recolher sobre os túmulos dos mártires o pó que aí se deposita (chamado em siríaco *ḥmānā* «misericórdia») utilizado para aliviar dores e doenças é muito comum entre os cristãos de rito caldeu.

¹³¹ A edição mais acessível é a de William Brooks-Greenlee (ed. inglesa, pp. 112 e seg.; ed. port., pp. 194 e seg.). Para as demais edições ver o catálogo alfabético das fontes.

Na segunda viagem de Vasco da Gama, em 1502-1503, os enviados dos cristãos de Cranganor confirmaram aos Portugueses o que por Pedro Álvares Cabral já sabiam: «contaram-nos estes embaixadores como tinham seus bispos e todos eles diziam missa; e entre outras muitas coisas, como faziam grandes peregrinações à sepultura do bem-aventurado S. Tomé que está junto à sua terra, aonde faz muitos milagres»¹³².

A notícia voltou a correr pela Europa, onde, como se poderia esperar acabou por se mesclar às diversas tradições que aí corriam sobre o túmulo de S. Tomé e seus milagres. De tal amálgama é curioso testemunho o *Calcoen*, relato da segunda viagem de Vasco da Gama redigido em flamengo e impresso em Antuérpia em 1504: «A seis dias de Coloén (isto é, Coulão) está uma cidade que se chama Lapis e ahi próximo, no mar, jaz S. Thomé; por 14 dias perto do seu dia, atravessa-se para ali o mar a pé enxuto. E dá-se a santa comunhão a toda a pessoa que é digna della, e aquelles que são indignos doutrinam-se. E está a quatro dias de caminho da grande cidade de Edissen onde elle construiu o grande pallacio. Mas a sobredita cidade de Lapis está quasi toda destruída e ali moram os christãos sujeitos também a tributo, e todo o povo anda nu, rei e rainha somente cobrem as suas partes»¹³³.

Para D. Manuel, que acariciava o sonho de recuperar Jerusalém, destruir definitivamente o Islão e estabelecer na terra um quinto império messiânico, a posse das relíquias de S. Tomé por certo que representava muito¹³⁴.

Mesmo para os que não partilhavam dos sonhos do *Venturoso* era importante, pois representava, de certo modo um como que sancionamento sobrenatural para a presença de Portugal no Índico.

Não é por acaso que João de Barros — o mais arguto e ao mesmo tempo o mais oficioso dos nossos historiadores da Ásia — chama a S. Tomé «padroeiro nosso naquelas partes da Índia como

¹³² *Navegação de Tomé Lopes*, c. XIX.

¹³³ Citamos pela versão portuguesa de José Gomes Goes, pub. por Teixeira de Aragão in *Vasco da Gama e a Vidigueira*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, p. 93; texto flamengo a pp. 84-85.

¹³⁴ Ver o nosso estudo «L'Ideé Imperiale Manueline» in *La Découverte, le Portugal et l'Europe*, Actes du Colloque, Paris 26-28 mai 1988, Centre Culturel Portugais, Fondation Calouste Gulbenkian, Paris, 1990, pp. 35 e seg. Com o título *A ideia imperial manuelina* deve em breve ser publicada pelo I.N.I.C. uma versão mais extensa, incluindo uma antologia de documentos.

Sant'Iago é da cristandade de Espanha»¹³⁵. E Camões, que navega em águas semelhantes, conclui a sua versão da lenda do Apóstolo com uma curta prece:

«... Pedimos-te que a Deus ajudas peças,
com que os teus Lusitanos favoreças»¹³⁶.

Por seu turno Gaspar Correia atesta que em lutas com os mouros no Oriente os Portugueses bradavam por vezes por S. Tomé como grito de guerra¹³⁷ — testemunho que é corroborado por Jacinto Freire de Andrade para a época de D. João de Castro¹³⁸.

Vimos também já como a relação providencial entre o fundador das cristandades da Índia e a chegada dos que seriam os seus continuadores no século de Quinhentos era sublinhada pela profecia do próprio Apóstolo acerca da transgressão do mar em direcção ao seu túmulo.

O interesse por este último deve ter crescido à medida que D. Manuel ia desenvolvendo o seu plano de destruição de Meca e da reconquista de Jerusalém, e a presença portuguesa no Índico tomava gradualmente um cunho bélico e imperialista, procurando reatar com a tradição da Cruzada — bem viva na expansão portuguesa em Marrocos sobretudo até D. Afonso V, embora ligeiramente esfumada sob D. João II. Não é certamente por mero acaso que um texto quase desprovido de pretensões ideológicas como é a *Crónica Anónima* do Museu Britânico, as referências a S. Tomé e as preocupações com os seus cristãos sejam praticamente nulas, em contraste com o que se passa trinta ou quarenta anos mais tarde, mesmo nas páginas dos cronistas mais informais como Gaspar Correia.

Não é por isso de espantar que em 1505, quando a política oficial recomeçava a pôr a tónica sobre a faceta cruzadística da nossa empresa oriental, D. Manuel mandasse dizer hiperbolicamente ao Papa, por seu embaixador Diogo Pacheco: «chegamos a penetrar em Meca e no sepulcro do pérfido Mahomet, visitamos tãobem a casa do Apóstolo S. Tomé, de modo que os christãos podem

¹³⁵ III, vij, 11.

¹³⁶ *Lusíadas*, X, 118.

¹³⁷ I, cap. III de Tristão da Cunha, p. 682.

¹³⁸ Livro I, p. 42.

confiar que em breve desaparecerá a pérfida heresia mahometana. Praza a Deus que tãobem o sanctissimo sepulchro de Christo que nos libertou do eterno captiveiro, ha tanto calcado pelos cães, volte à antiga liberdade, e dest'arte se propague por todo o Universo a fé de Christo». E voltando ao projecto de aliança, velho de três séculos: «e para isto mais facilmente se levar a effeito, coliguemo-nos com o poderosíssimo soberano christão o Preste João (...) enviando-lhe para esse fim embaixadores»¹³⁹.

Em 1507 D. Francisco de Almeida, ao mandar uma missão ao Coromandel, Bengala e Pegu, a informar-se das possibilidades comerciais de toda aquela redondeza do golfo de Bengala «sobretudo lhe encomendou que tomassem muita enformação da Casa do Apóstolo San Thomé que lá estaua, segundo dinha enformação por alguns homens do Malauar que diziam ser christãos de ensinança do Sancto Apóstolo»¹⁴⁰.

A armada enviada a descobrir Malaca e as ilhas da especiaria em 1508, sob o comando de Diogo Lopes de Sequeira, levava também recomendações del Rei para inquirir se tinham por ali alguma notícia do Apóstolo S. Tomé¹⁴¹.

Não sabemos quando tenham visitado Meliapor os primeiros portugueses. Possivelmente antes de 1516, pois Duarte Barbosa, que nesse ano concluiu o seu *Livro*, refere-se-lhe já em termos muito concretos: «Mais ao diante, leixando Charamandel e suas terras estaa na ribeira do mar ùa cidade mui antiga e asi despouoada a que chamam Mailapur, que em outro tempo foi muy grande e fermosa, do proprio rei de Narsinga, honde jaz soterado ho corpo do bemaventurado San Thomé em huma muy pequena Igreja junto com o maar». E depois de resumir a versão local da lenda de S. Tomé e sua desastrada morte quando metamorfoseado em pavão, conclui: «e asi jas naquela Igreja que seus discipulos e companheiros lhe fizeram mui provemente: hos mouros e gentios o

¹³⁹ *Preito de obediência del Rei D. Manuel ao Papa Júlio II*, trad. de José Pedro da Costa, ed. de Eugénio do Canto. Em trad. de Miguel Pinto de Meneses figura na colecção das *Orações de Obediência dos Reis de Portugal aos Sumos Pontífices*, organizada por Martim de Albuquerque, ed. INADA, Lisboa, 1988.

¹⁴⁰ Gaspar Correia, I, cap. X de Tristão da Cunha, p. 739.

¹⁴¹ Regimento de Diogo Lopes de Sequeira, Almeirim, 13 de Fevereiro de 1508, ANTT, CC, I-6-82; pub. in C. A. A., II, pp. 403-419.

alumiam dizendo cada hum que he cousa sua; a Igreja he ordenada a nossa maneira com cruces no altar e em cima d'abobada e hũa grade de madeira e muytos pauões por diuisa; mas estaa já muyto danificada e ho circuito coberto de mato ...»¹⁴². Das maravilhas que outrora circulavam na Europa e Próximo Oriente sobre a tumba quase nada resta, como seria de esperar: apenas a história do braço que teimosamente se não deixava enterrar, mas remetida já para um passado remoto. Quanto à lâmpada miraculosa de que já falava um milénio atrás Gregório de Tours, é, prosaicamente, um mouro quem na alumia ...

Não é tampouco impossível que Duarte Barbosa tenha bebido a informação de cristão da terra, sem visitar o local. Seja como for, o descobrimento oficial do túmulo é por todas as crónicas datado de 1517, quando um grupo de Portugueses ido de Malaca para Bengala, ao fazerem escala em Paleacete, um pouco ao Norte de Meliapor, foram convidados pelos mercadores arménios em cuja casa pousavam a acompanhá-los em peregrinação ao túmulo do Apóstolo, de onde escreveram um carta a narrar a descoberta¹⁴³.

João de Barros alude a uma nova romagem dois anos depois¹⁴⁴. O reconhecimento oficial do local para onde foi enviado um sacerdote português, só se fez porém em 1522, por mando do governador D. Duarte de Meneses¹⁴⁵. No ano imediato iniciaram as escavações em busca do corpo e a restauração da igreja. Novas escavações tiveram lugar por mando de Nuno da Cunha entre 1530 e 1533¹⁴⁶.

Entretanto estabelecera-se em Meliapor uma importante colónia de mercadores portugueses, na sua maioria desertores do serviço oficial, talvez porque à sombra do túmulo do Apóstolo se julgassem a coberto da ira das autoridades. Estas tentaram ainda uma expedição armada para os desalojar, mas sem sucesso; acabaram por contemporizar com os transfugas, e Meliapor, à semelhança de

¹⁴² Pp. 354-355.

¹⁴³ Dela existem cópias na B. N. L., *F. G.*, cod. 7638, doc. 87 e na Biblioteca da Ajuda, cod. 50-VI-21, fl. 206-207v. Pub. por A. da Silva Rego, *Documentação ...*, vol. I, n.º 137, pp. 296 e seg.

¹⁴⁴ III, vij, 11.

¹⁴⁵ Ver pormenores em José Pereira da Costa, *op. cit. supra*, nota 33 e em Silva Rego, *História das Missões do Padroado Português do Oriente, Índia*, vol. I (1500-1542), A. G. C., Lisboa, 1949, cap. XI, pp. 411-435.

¹⁴⁶ Vide v. g. Francisco de Andrada, II, lxxj.

Macau, acabou por se tornar numa espécie de república de comerciantes, cujos serviços como intermediários, o comércio oficial passou a utilizar.

Entretanto, em 1530, tirara-se uma inquirição por testemunhas sobre o martírio de S. Tomé e tudo quanto pudesse provar a autenticidade do túmulo; nela depuseram, como vimos já, dois dos quatro bispos caldeus chegados ao Malabar em 1504¹⁴⁷, Abuna e Jorge, ou seja, Mar Jacob e Mar Denha, além de mouros e gentios. Nesta inquirição encontram-se curiosamente lado a lado as duas versões da lenda do Apóstolo: Mar Jacob contou a lenda síria, incluindo a trasladação dos ossos para Edessa; os outros, Mar Denha incluído, a versão local, com a história do pavão, sem alusão a qualquer transferência dos despojos¹⁴⁸.

Em 1543 foi tomado novo auto de inquirição, em que foram ouvidos entre outros os descobridores de 1517. Esta inquirição dá minuciosa notícia das escavações feitas na sepultura, incluindo a espessura em palmos dos vários estratos encontrados sobre a pedra tumular¹⁴⁹. Um terceiro inquérito foi conduzido entre 1589 e 1600 pelo bispo de Cochim D. Frei André de Santa Maria, que para o efeito visitou por três vezes o local¹⁵⁰. Dentro do túmulo — que não era, aliás, o único existente na igreja — acharam-se, além de um esqueleto, uma panela de barro cheia de terra e uma lança, o que naturalmente pareceu confirmar em pleno a tradição segundo a qual fora o Santo assassinado às lançadas.

Não deixa de ser curiosa esta mescla de mentalidade moderna e medíeva, bem típica aliás de toda a nossa expansão quinhentista: por um lado o anelo quase mágico de possuir as relíquias do Apóstolo, ao gosto da Idade Média; por outro o cuidado de fazer inquirições de cunho histórico e revolver arqueologicamente o local, a ânsia de rigor levada ao ponto de anotar nos documentos eclesiásticos a estratigrafia da sepultura.

Implícito nesta insistência em fazer inquérito e escavações que provassem a autenticidade do túmulo de Meliapor adivinha-se o

¹⁴⁷ Vide *A carta que mandaram os Padres ...* (cf. *supra*, nota 38).

¹⁴⁸ Ver a *Inquirição de 1530* pub. por Pereira da Costa; os resumos dados por Barros (III, vij, 11) nas *Lendas da Índia* (II, cap. IX de D. Duarte de Meneses) e por Francisco de Andrada (II, lxxj) são infinitamente menos interessantes.

¹⁴⁹ Ver o texto em Figueiredo, *op. cit. supra*, nota 91.

¹⁵⁰ Idem, *ibidem*.

desejo de afastar a versão concorrente e negar, ou pelo menos relativizar a do de Edessa — embora este raramente seja citado nos textos. Nas inquirições a única voz discordante é, como vimos, a de Mar Jacob Abuna, que conta uma versão assaz vizinha da que nos é conservada na *Passio* latina. Curiosamente julga o corpo do Apóstolo ainda incorrupto em Edessa, para onde diz ter sido trasladado em 230 A.D., data que coincide quase perfeitamente com a que se deduz da *Passio*. Mais curiosamente ainda, os termos em que descreve o sarcófago edessano lembram os usados em 1123 pelo bispo João e mais tarde por Abu Çalih al-Armini para descrever o de Meliapor; se falta o prodígio das águas, lá está o braço de S. Tomé a dar a comunhão aos crentes... Visivelmente entre as duas tradições em certo sentido antagónicas houve ao longo dos séculos alguma osmose.

Embora todos os demais inquiridos adoptem a tradição malabar e não duvidem de que o corpo do Santo jaça ali, na capela por ele mesmo erguida, a história da trasladação das relíquias para Edessa não era no entanto inteiramente desconhecida na Índia — como de qualquer modo seria de esperar num país que durante séculos recebeu da Mesopotâmia a sua hierarquia episcopal. Uma ou outra vez nota-se a preocupação de a negar, como acontece numa tradição local, referida em 1567 numa carta do P.^o Belchior Nunes, S.J.: «... e posto que se tenha que o corpo de S. Thomé foi trespassado da Índia a Idisa cidade de Arménia, a gente da terra diz que é verdade que vieram antigamente de Arménia a pedir o corpo do Apóstolo, mas que eles deram o corpo de um discípulo de S. Thomé que tãoobem se chamava Thomé em lugar d'elle e enganarão os embaixadores polla devação e veneração que na terra se tinha ao Apóstolo»¹⁵¹.

Conhecedor de ambas as tradições Diogo do Couto opta como vimos, pela divisão das relíquias¹⁵² — tese que é retomada no século seguinte por Raulin, que a defende com todos os recursos da sua profunda erudição eclesiástica¹⁵³, e pelo ignoto autor do poema épico *História de S. Tomé*¹⁵⁴.

¹⁵¹ Carta escrita de Ceilão a 20 de Janeiro de 1567; Biblioteca da Academia das Ciências, *Cartas do Japão*, III, fl. 303v-307v; pub. por Silva Rego, *Documentação ...*, X, n.º 25, pp. 189 e seg.

¹⁵² XII, iiij, 4.

¹⁵³ Dissert. sobre o martírio de S. Tomé (em latim), *op. cit.*, pp. 359 e seg.

¹⁵⁴ Cf. *supra*, nota 54.

Notemos a título de curiosidade que, enquanto Sir John Mandeville resolvia o problema mediante uma retro-trasladação de Edessa para Meliapor, o *Livro do Infante D. Pedro de Portugal*¹⁵⁵, que através das suas sucessivas edições perpetua quase até nossos dias a tradição medieval do ciclo do Preste João, resolve-o muito mais simplesmente: a vera tumba de Tomé queda de facto em Edessa mas Edessa é pura e meramente uma cidade da Índia, e a capital do Preste...

Seja como for a autenticidade do túmulo de Meliapor recebeu uma quase-consagração oficial quando em 1606 a cidade foi escolhida para sede de um novo bispado, desmembrado do de Cochim, que havia de permanecer sob o Padroado Português até 1950¹⁵⁶. A Cédula Consistorial que o erige justifica assim a escolha do local: «como já o sereníssimo D. Filipe, Rei Católico de Portugal e dos Algarves (...) entendesse muito interessar às Índias Orientais erigir e instituir uma igreja catedral no litoral, ou seja, na costa marítima e portos dos reinos de Bengala, Chorumandel, Oriça e Pegu, da diocese cochinense (...) e dissesse ser assaz necessário para aumento do culto divino e propagação da fé católica, erigir e instituir em catedral a igreja da praça de S. Tomé da cidade denominada Meliapor, por outro nome S. Tomé, na dita diocese de Cochim, por motivo de aí repousar o corpo do mesmo S. Tomé, assim como por aí existirem fundadas uma casa de Frades da Ordem de Santo Agostinho de Jesus...». Para tal efeito como reza o mesmo documento, elevava já el-Rei D. Filipe à categoria de cidade a praça de Meliapor¹⁵⁷.

Curiosamente é pela mesma época que Goa se afirma e consolida como «Roma do Oriente», sede e cabeça de um grande império cristão que se estende pelas costas do Índico, do Cabo da Boa Esperança aos confins do Império Nipónico, da China e de Maluco. Desse formigueiro de igrejas e conventos que era no século XVII a capital dos domínios asiáticos da Coroa Portuguesa afirma-se cada vez mais como coração espiritual a Basílica do Bom Jesus,

¹⁵⁵ Cap. XIX.

¹⁵⁶ Vide Silva Rego, *Le Patronage Portugais de l'Orient. Aperçu historique*, A. G. U., Lisboa, 1957.

¹⁵⁷ *Bullarium*, II, pp. 4 e seg.

onde repousa incorrupto à vista de todos, em urna de cristal, o corpo de Francisco Xavier¹⁵⁸.

Em fins do século XVI, ainda Fernão Mendes Pinto punha na boca de uma mulher portuguesa que diz ter encontrado, décadas antes, nos misteriosos confins do Calaminhão (que «se casara cõ hũ jogue que peregrinaua naquellas cabildas, cõ q̃ fora casada 23 annos & ao presente estaua já viuua delle, e porque não se atreuia a viuer entre Christãos, cõtinaua naquella desventura até q̃ Deos a leuasse à terra onde acabasse seus dias cõ fazer penitencia da vida passada»), o desejo supremo de «vir em nossa cõpanhia para Pegú & dahi se embarcar para Choromandel & acabar seus dias na pouação do Apóstolo S. Tomé»¹⁵⁹.

Um século depois, já era assim o voto dos passageiros embarcados para a Índia, numa nau da carreira: «Eterno Deus, todo-poderoso, achando-nos nesta Nau em uma grande calmaria com falta de coragens necessárias e com medo de outros novos grandes perigos recorreremos à vossa infinita misericórdia, debaixo do patrocínio do glorioso apóstolo da Índia, Francisco Xavier, e pelos grandes merecimentos, desse grande Santo com muita confiança pedimos à vossa suma bondade que nos tire de todas essas necessidades e perigos e nos leve ao porto de salvação que tanto desejamos; e se isso nós alcançarmos de vossa imensa Piedade, pela intercepção de nosso Santo Francisco Xavier todos fazemos votos de ir em chegando a Goa visitar o sagrado sepulcro do dito Santo e ali nos confessar dos nossos pecados ...»¹⁶⁰.

Mais próximo, mais palpável, parte integrante do Império de que era cimento a Fé, o novo Apóstolo das Índias destronara em boa parte o antigo ...

Luís Filipe F. R. Thomaz

¹⁵⁸ Ver v. g. A. B. de Bragança Pereira, *História Religiosa de Goa* (separata de *O Oriente Português*), Bastorá, s/data. Cf. o nosso artigo «Goa, une société indo-portugaise» in *Bulletin des Etudes Portugaises et Brésiliennes*, tomo 42-43, Paris, 1983; Orlando Ribeiro, «A festa de S. Francisco Xavier em Velha Goa», «Originalidade de Goa» e «A Cruz e o Túlósse (imagem de Goa)» in *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1962.

¹⁵⁹ *Peregrinação*, cap. clxij.

¹⁶⁰ João Palma Ferreira, *Naufrágios, Viagens, Fantasias & Batalhas*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1980, p. 293.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Por brevidade omitimos a lista dos *estudos* sobre assuntos particulares citados ao longo deste artigo; limitamo-nos aqui à lista das *obras de consulta geral* e ao repertório das *fontes* que utilizámos.

Obras de Consulta Geral

ALBUQUERQUE, Luís de — *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, sob a dir. de ..., Ed. Círculo dos Leitores, Lisboa (em preparação).

ANDRADE, António Alberto Banha de — *Mundos Novos do Mundo - Panorama da difusão pela Europa de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, 2 vols., Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1972.

The Catholic Encyclopaedia.

CIRILONAS = CYRILLONAS — *L'Agneau Véritable — Hymnes, Cantiques et Homélies*, intr., trad. du texte syriaque, notes et index par Fr. Dominique Cerbelaud, O.P., Ed. de Chevetogne, Chevetogne (Bélgica), 1984.

COSTAZ, S.J., Louis — *Dictionnaire Syriaque-Français — Syriac-English dictionary*, Imprimerie Catholique, Beyrouth, s/d (1963).

COSTAZ, S.J., Louis — *Grammaire Syriaque*, 2.^a ed., Imprimerie Catholique, Beyrouth (1964).

DALGADO, Mons. Sebastião Rodolfo — *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols., Imprensa da Universidade, Coimbra, 1919-21 (nova ed., Academia das Ciências de Lisboa, só 1.^o vol. pub.).

Dictionnaire de Théologie Catholique.

Encyclopaedia Britannica — A new survey of universal knowledge, 24 vols., Chicago-Londres-Toronto, 1960.

Encyclopaedia (The) of Islam, new edition, Leiden, 1973.

Hobson-Jobson — vide H. Yule.

LAMPE, G.W.H. — *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford University Press, 1961 (6.^a reimpressão 1982).

ORTIZ DE URBINA, S.J., Ignatius — *Patrologia Syriaca*, Pontificium Institutum Orientalium Studiorum, 2.^a ed., Roma, 1965.

PAYNE SMITH, R. — *A Compendious Syriac Dictionary*, founded upon the *Thesaurus Syriacus* of ..., edited by J. Payne Smith (Mrs Margaliouth), Oxford, Clarendon Press, 1903 (reimp. 1979).

PAYNE SMITH, R. (dir.) — *Thesaurus Syriacus*, 4 vols., Oxford, 1879.

WEHR, Hans — *A Dictionary of modern written Arabic*, edited by J. Milton Cowan, 3.^a ed., Nova Iorque, 1976.

YULE, Henry & A. C. Burnell — *Hobson-Jobson* — A glossary of colloquial anglo-indian words and phrases, and of hindred terms, etymological, historical, geographical and discursive. New edition edited by William Crooke, B. A., Londres, 1886, reimp. Rupa & Co., Calcutta, Allahabad, Bombay, Delhi, 1986.

Fontes

ABUÇALIH, o Arménio — *The Churches and Monasteries of Egypt and some neighbouring countries*, attribute to Abû Şâlih the Armenian, edited and translated by B.-T. A. Evetts, M. A., with added notes by Alfred J. Butler, Oxford, Clarendon Press, 1895.

Actos (Apócrifos) de Tomé — Texto siríaco: W. Wright, *Apocryphal Acts of the Apostles*, edited from syriac manuscripts in the British Museum and Other libraries, vol. I, Londres e Edimburgo, 1871. — Texto grego e duas versões latinas (*De miraculis Beati Thomae e Passio Sancti Thomae Apostoli*): Max Bonnet, *Acta Thomae* (Supplementum Codicis Apocryphi), Lipsia, 1883. — Versão inglesa comparada em E. Hennecke, *New Testament Apocrypha*, ed. by W. Scheelmecher, vol. II, S. C. M. Press, 1965, 2.^a ed., 1974. Cf. ainda Mario Erbetta, *op. cit.*, *infra*; e Isabel Vilares Cepeda, *op. cit. infra*.

ALBUQUERQUE, Afonso ou Brás de — *Comentários de Afonso de Albuquerque*, 5.^a ed., conforme a 2.^a ed. de 1576, com prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão, 4 partes em 2 vols., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1973.

ALBUQUERQUE, Luís de — *Crónica do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses* (códice anónimo, Museu Britânico, Egerton 20,901); introdução e notas de...; leitura de Adélia Lobato. Junta de Investigações do Ultramar, Coimbra, 1974 (nova ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1986).

AMR, filho de Mateus & SLIBA — *História dos Patriarcas Nestorianos*, vide H. Gismondi.

ANDRADA, Francisco de — *Crónica de D. João III*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, Lello & Irmão, Porto, 1976.

ANDRADE, Jacinto Freire de — *Vida de D. João de Castro, Quarto Viso-Rei da Índia*, 2.^a ed., Lisboa, 1852.

ASSEMANUS, Josephus Evodius — *Bibliothecae Apostolicae Vaticanae Codicum Manuscriptorum catalogus*, in tres partes distributas (...), parte I,

tomo II, Roma, 1758; parte I, tomo III, Roma, 1758 (reimpressão anastática, Maisonneuve, Paris, 1926).

ASSEMANUS, Josephus Simonis — *Bibliotheca Orientalis Clementino-Vaticana*, in qua manuscriptos codices syriacos, arabicos, persicos, turcicos, hebraicos, samaritanos, armenios, aetiopicos, graecos, aegyptiacos, ibericos & malabaricos, jussu et munificentia Clementis XI Pontificis Maximi ex Oriente conquisitos, comparatos, avectos, & Bibliotheca Vaticanae addictos, una cum iis quos Sacra Congregatio de Fide Propaganda in eundem Bibliothecam inferri jussit: recensuit, digessit, excerptis et genuina scripta a spuriis secrevit, praemissa singulorum auctorum vita ... Tomo III, p. I, Roma, 1725; tomo III, p. II, Roma, 1728.

BARBOSA, Duarte — *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente ...* int. de Augusto Reis Machado, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1946 (reproduzido do texto pub. por Sebastião Francisco de Mendo Trigo in *Colecção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas que vivem nos domínios portugueses*, tomo II, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1812; 2.ª ed. 1867). Edição inglesa anotada por Mansel Longworth Dames, *The book of Duarte Barbosa*, an account of the countries bordering on the Indian Ocean and their inhabitants, written by Duarte Barbosa and completed about the year 1518 A.D.; 2 vols., Hakluyt Society, Londres, 1918-21; reimp. Asian Educational Services, Nova Delhi-Madrasta, 1989 (citamos pela ed. de 1867). Espera-se para breve a ed. crítica do texto port., que está a ser preparada pela Dr.ª D. Maria Augusta Veiga e Sousa.

BAR HEBRAEUS, Gregório Abul Faraj, dito — *Chronicon Ecclesiasticum* quod e codice Musei Britannici descriptum conjuncta opera ediderunt latinis donarunt annotationibusque theologicis, historicis, geographicis et archaeologicis illustrarunt Joannes Baptista Abbeloos et Thomas Josephus Lamy. Tomos I e II, Lovaina, 1872; tomo III, Lovaina-Paris, 1877.

BARROS, João de — *Da Ásia de ... e de Diogo do Couto*, nova edição oferecida a Sua Majestade D. Maria I, Rainha Fidelíssima, 24 volumes, Lisboa, 1778-88 (reimp. Liv. Sam Carlos, Lisboa, 1973-75).

B.O. — Vide Assemani, *Bibliotheca Orientalis*.

Bullarium Patronatus Portugaliae Regum — Vide Paiva Manso, Visconde de.

C. A. A. = *Cartas de Afonso de Albuquerque, seguidas de documentos que as elucidam*, pub. por R. A. Bulhão Pato e H. Lopes de Mendonça, 7 vols., Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1884-1935.

Carta de D. Manuel aos Reis Católicos (1501) — Pub. em facsimil por Eugénio do Canto (*Trelado da carta que El Rei nosso Senhor escreveu a El Rei e á Rainha de Castela seus padres da nova da India*, Lisboa, 1906); o texto, continuado com base em diversas fontes, até 1505, foi publicado em versão italiana (*Copia di una lettera del Re de Portogallo mandata al Re de Castella del viaggio et successo de India*, Roma 1505, Milão 1505).

e reproduzido por Prospero Peragallo, *Carta de El Rei D. Manuel ao Rei Catolico narrando-lhe as viagens portuguezas á India desde 1500 até 1505*, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1892 (designamos esta versão continuada, que contém erros graves, por *Pseudo-Carta de D. Manuel*).

Carta dos Marchioni — colecção de cartas inclusas no Códice Ricardiano 1910 de Florença. Ed. em preparação por Carmen M. Radulet, Luís Filipe Thomaz & Maria Emília Madeira Santos (Centro de Estudos de História e Cartografia, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa).

CASTANHEDA, Fernão Lopes de — *História do Descobrimento & Conquista da India pelos Portugueses*, 3.^a ed. conforme a edição *princeps*, revista e anotada por Pedro de Azevedo, 4 vols., Imprensa da Universidade, Coimbra, 1924-33.

CAMÕES, Luís de — *Os Lusíadas*, 1.^a ed., Lisboa, 1572.

CEPEDA, Isabel Vilares — *Vidas e Paixões dos Apóstolos*, ed. crítica e estudo por ..., 2 vols. I.N.I.C., Lisboa, 1982 e 1989.

CHABOT, Jean-Baptiste — *Le Livre de la Chasteté composé par Jesusdenah évêque de Baçrah*, publié et traduit par ..., Roma, 1896.

Colecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes ou lhes são vizinhos, tomo 2.^o, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1812; 2.^a ed., 1867.

CONTI, Nicolo de' — Vide NICOLAU VENETO.

CORREIA, Gaspar — *Lendas da India* por ..., pub. de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, 4 livros em 8 tomos, Lisboa, 1860-66 (reimp. parcial Imprensa da Universidade, Coimbra, 1921-22).

COSTA, José Pereira da — «Gaspar Correia e a Lenda do Apóstolo S. Tomé» in *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa - Actas*, ed. org. por Luís de Albuquerque & Inácio Guerreiro, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 1985.

COUTO, Diogo do — Vide João de Barros.

Crónica Anónima do Museu Britânico — Vide Luís de Albuquerque e Adélia Lobato.

Crónica de Seert — *Histoire Nestorienne (Chronique de Seert)*, texte arabe avec traduction française por Mgr Addai Scher, archevêque chaldéen de Seert (Kurdistan) avec le concours de M. l'Abbé J. Périe, *Patrologia Orientalis*, IV-3-17, Turnhout, Bélgica, 1971, VII, 2, Paris, 1950 e XIII, 4-65, Turnhout, 1973 (ms. na BNP, Fundo Arabe, n.^o 6653).

CSCO = *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium*. Em curso de publicação (472 vols., pub. de 1903 a 1985), Ed. Peeters, Lovaina.

DELAHAYE e outros — *Vide Martirológio Romano*.

EBEDJESUS, bispo de Soba ou Nisibis — *Catálogo dos Autores Siríacos*, vide B.O. III, p. I; *Regra dos Julgamentos Eclesiásticos*, vide *Synodicon Orientale*.

EFREM de Nisibis, Santo — *Carmina Nisibena*, additis prolegomenis et supplemento lexicorum syriacorum, primus edidit, vertit, explicavit Dr. Gsvus Bickell, Lipsia, 1866.

Enformação da Christandade de S. Thomé que estaa no Malabar (1577). ANTT, Armário Jesuítico, n.º 28, pub. por A. Silva Rego, *Documentação ...*, vol. XII, pp. 398 e seg.

EMPOLI, João de — *Viagem às Indias Orientais*. Vide *Colecção de Notícias para a História e Geografia ...*, tomo II. Ver o texto italiano original em Spallanzani, *op. cit.*

ERBETTA, Mario — *Gli Apocrifi del Nuovo Testamento*, 4 vols., Ed. Marietti, Casale Monferrato, 1975.

ETÉRIA : ÉTHÉRIE, *Journal de Voyage*, texte latin, int. et trad. de Hélène Petré. Col. Sources Chrétiennes, n.º 21, Ed. du Cerf, Paris, 1948.

EUSÉBIO DE CESAREIA — *História Eclesiástica*, vide P.G., vol. 19-24; também Eusébe de Césarée, *Histoire Ecclésiastique*, texte grec, traduction et annotation par Gustave Bardy, 4 vols., Col. Sources Chrétiennes, vol. 31, 41, 55 e 73 bis, Ed. du Cerf, Paris, 1955-78.

FERRAND, Gabriel — *Relations de Voyages et textes géographiques arabes, persans et turks relatifs à l'Extrême Orient du VIII^e au XVIII^e siècles*, traduits, revus et annotés par ..., 2 vols., Paris, 1913-14.

Flos Sanctorum — (Ho flos sc̃tõr / em lingoajẽ p̃tugues, com graça & privilegio del Rey nosso Senhor), Lisboa, 1513. (Outras edições: por Fr. Diogo do Rosário, Braga, 1567, Lisboa, 1613; por Alonso de Villegas, Lisboa, 1598; Coimbra, 1577; Lisboa, 1585, 1647 e 1681).

GIAMIL, Samuel — *Genuinae Relationes inter sedem Apostolicam et Assyriorum orientalium seu Chaldeorum Ecclesiam nunc majori ex parte primum editae, historicisque adnotationibus illustratae opera et studio ...*, Roma, 1902.

GISMONDI, S.J., Henricus — *Maris, Amri et Slibae De Patriarchis Nestorianorum Commentaria*, ex codicibus vaticanis edidit ac latine reddidit ... Pars prior, Mari textus arabicus, Roma, 1899 (I, 1, texto árabe da versão de Mari; I, 2, trad. latina; II, 1, texto árabe da versão de Amr e Sliba; II, 2, trad. latina).

GOIS, Damião de — *Chronica d'El-Rei D. Manuel*, 12 vols., Bibliotheca de Classicos Portuguezes de Mello d'Azevedo, Lisboa, 1909-1912.

GOUVÊA, Frei António de — *Jornada do Arcebispo de Goa Dom Frey Aleixo de Menezes primaz da India Oriental*, religioso da Ordem de St.º Agostinho quando foi ás serras do Malauar & lugares em que morão os antigos Christãos de S. Thomé & os tirou de muitos erros & heregias em que estauão & reduzio á nossa Santa Fé Catholica & obediencia da Santa Igreja Romana (...), Coimbra, 1606 (reed. por Joaquim O. Bragança, no prelo).

GREENLEE, William Brooks — *The voyages of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India from contemporary documents and narratives*, Hakluyt Society, Londres, 1938 (trad. port. por António Dória, *A viagem de Pedro Alvares Cabral*, Porto, 1951).

GREGORIO de Tours, São — *Divi Georgii Florentis Gregorii Episcopi Turenensis De Gloria Martyrum et Confessorum libri III* (operum piorum pars I), Paris, 1640.

História dos Patriarcas Nestorianos, de Mari, Amr e Sliba — Vide H. Gismondi.

Informação da christandade de São Thome pera Vossa Alteza ver (ms. Add. 28461 do Museu Britânico) pub. in *Documentação Ultramarina Portuguesa*, vol. I, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1960, pp. 65-71.

Inquirição de 1530 — texto transcrito por Gaspar Correia e pub. por José Pereira da Costa, q. v.

JESUSDENAH, bispo de Baçorá — *Livro da Castidade*. Vide J. B. Chabot.

JOSÉ DE CRANGANOR (Padre) — Vide *Relação de José da Índia*.

LE QUIEN, P.º F. Michel — *Origens Christianus, in quatuor patriarchatus digestus quo exhibentur Ecclesiae Patriarchae caeterique praesules totius orientis*, tomo II, Paris, 1745.

Livro da Castidade de Jesusdenah, bispo de Baçorá — Vide J. B. Chabot.

LOPES, David — *História dos Portugueses no Malabar por Zinadim*, manuscrito árabe do século XVI, publicado e traduzido por ..., Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.

LOPES, Tomé — *Navegação às Indias Orientais (1502-1503)* (retroversão da versão italiana de um original português perdido, publicada por Ramusio) in *Collecção de Notícias ...*, tomo II.

MAJOR, R. H. — *India in the fifteenth century*, being a collection of narrative of voyages to India in the century preceding the Portuguese discovery of the Cape of Good Hope, from Latin, Persian, Russian and Italian sources, now first translated into English (The travels of Abder-Razzak, 1442, Nicoló Conti, Athanasius Nikitin and Hieronimo di Santo Stefano), Hakluyt Society, Londres, 1857.

MANDEVILLE, Sir John — *The travels of ...* (ed. por A.W. Pollard), Dover Publications, Nova Iorque, s/d; ed. das diversas versões inglesas juntas com o original francês, por Malcolm Letts, *Mandeville's Travels, Texts and Translations*, 2 vols., Hakluyt Society, 1950 (reimp. Kraus Reprint Ltd., Liechtenstein, 1967).

Manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa (três versões, com pequenas diferenças entre si, de um resumo da história e costumes da igreja malabar, devido, provavelmente, a informações fornecidas c. 1782 por José Cariatil um eclesiástico malabar que esteve em Lisboa), BNL, F. G., cod. 33, 36 e 536. Um deles (F. G. 33) está publicado por A. Silva Rego, *Documentação ...*, v. XII, n.º 97, pp. 851 e seg.

MARI — *História dos Patriarcas Nestorianos*, vide H. Gismondi.

MARIGNOLLI, João de — Relação de uma viagem ao Oriente inclusa na sua *Crónica da Boémia*, pub. P.º Gelasio Dobner de S. Catarina in *Monumenta Historica Boemiae nusquam antehac edita*, tomos I e II, Praga, 1764-1768; texto latino reproduzido pelo P.º Anastasius van den Wyngaert, *Sinica Franciscana*, vol. I; trad. inglesa anotada por H. Yule, *Cathay ...*

Martirologio Romano — Ed. crítica: Hippolitus Delehaye, Paulus Peeters, Mauritius Coens, Balduinus de Graiffier, Paulus Grosjean, Franciscus Halkin, presbyteri Societatis Jesu *Martyrologium Romanum* ad formam editionis typicae scholiis historicis instructum, Bruxelas, 1940. Ed. para uso litúrgico, segundo a ed. típica de 1922 aprovada por Bento XV, *Martyrologium Romanum*, 6.ª ed., Marietti, Turim (1954) .

M. G. S. = *Monumenta Germaniae Historica*.

MINGANA, A. — «The early spread of christianity in India» in *Bulletin of the John Rylands Library*, vol. 10, Manchester ,1926, pp. 435-514.

De Miraculis Beati Thomae, vide *Actos Apócrifos de Tomé*.

Missel Chaldéen — *L'ordre des Mystères avec les trois anaphores* selon le rite de la Saint Église de l'Orient, en usage chez les chaldéens Catholiques du Patriarcat de Chaldée-Babylone (inclui a trad. do texto siríaco do *Missale juxta ritum Ecclesiae Syrorum Orientalium id est Chaldaeorum*, Moçul, 1901, e algumas notas históricas por Mgr. Francis Alichorun, vigário patriarcal em Paris). Église Catholique Chaldéene, Paris, 1982.

MONTALBODO, Francanzano di — *Paesi Novamenti Ritrovati per la Navigazione di Spagna in Calicut*, Vicencia, 1507; 2.ª ed., Milão, 1508.

Navegação de Pedro Álvares Cabral, vide *Colecção de Notícias para a História e Geografia ...*

NICOLAU VENETO ou NICOLO DE'CONTI — *India Recognita* (Relação de viagem redigida em latim por Poggio Bracciolini e por ele inclusa na sua *Historia de Varietate Fortunae*, impressa independentemente em

1942). Versão inlesa in R. H. Major, *op. cit.*; versão portuguesa quinhentista in *Marco Paulo* (v. Marco Polo), pela qual citamos.

ORTA, Garcia de — *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, 1.^a ed., Goa, 1563; reprod. facsimilada, Academia das Ciências de Lisboa, 1963. Ed. anotada pelo Conde de Ficalho, 2 vols., Imprensa Nacional, Lisboa, 1891 (reimp. 1987).

PAIVA MANSO, Levi Maria Jordão, Visconde de — *Bullarium Patronatus Portugalliae Regum in Ecclesiis Africae, Asiae atque Oceaniae*, bullas, brevia, epistolas, decreta actaque Sanctae Sedis ab Alexandre III ad hoc usque tempus amplectens, tomo II (1601-1700), Lisboa, Imprensa Nacional, 1870; apêndice, tomo I, *ibidem*, 1872.

Passio Sancti Thomae Apostoli, vide *Actos (apócrifos) de Tomé*.

PERAGALLO, Prospero — «Carta de El-Rei D. Manuel ao Rei Catholico, nar-rando-lhe as viagens portuguezas á Índia desde 1500 até 1505, reimpressa sobre o prototypo romano de 1505, vertida em linguagem e anotada por ... Seguem em appendice a Relação analoga de Lunardo cha Masser e dois documentos de Cantino e Pasqualigo» in *Centenário do Descobri-mento da América — Memórias da Comissão Portuguesa (Memórias da Academia Real das Sciencias, 2.^a classe, t. VI, p. II)*, Lisboa, 1892.

PEREIRA, Duarte Pacheco — *Esmeraldo de Situ Orbis*, ed. crítica anotada por Augusto Epifânio da Silva Dias, Soc. de Geografia, Lisboa, 1905 (reimp. 1975).

P. G. = J. P. Migne, *Patrologiae cursus completus sive bibliotheca omnium SS. Patrum Doctorum, Scriptorumque Ecclesiasticorum*. Series Graeco-Latina, 168 volumes, Paris, 1857-1868 (reimp. Ed. Brepols, Turnhout, Bélgica).

PINTO, Fernão Mendes — *Peregrinação*, texto primitivo inteiramente conforme à primeira edição (1614) e versão integral em português moderno por Adolfo Casais Monteiro, Lisboa e Rio de Janeiro, 1953.

P. L. = J. P. Migne, *Patrologiae cursus completus (...)*, Series Latina, 222 vols., Paris, 1844-1855 (reimp. Ed. Brepols, Turnhout, Bélgica).

P. O. = *Patrologia Orientalis* (dir. por René Graffin, François Nau e outros). Em curso de publicação (191 fascículos publicados de 1903 a 1984), Ed. Brepols, Turnhout, Bélgica.

POLO, Marco — *Le livre de ...*, citoyen de Venise, conseiller privé et commis-saire impérial de Khoubilai-Khaan, rédigé en français sous sa dictée en 1298 par Rousticien de Pise, publiée (...) par M. G. Pauthier, 2 vols., Paris, 1865 (reimp. Slaktine Reprints, Genebra, 1978). — Versão portu-guesa quinhentista, feita sobre uma versão latina abreviada: *Marco Paulo - O livro de Marco Paulo. O livro de Nicolao Veneto - Carta de Jerónimo de Santo Estevam*, conforme a impressão de Valentim Fer-nandes, feita em Lisboa em 1502, com três facsimiles, introdução e

índices por Francisco Maria Esteves Pereira, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1922. — Ed. acessível em francês moderno, *Le devisement du monde*, 2 vols., Col. La Découverte, Maspero, Paris. — Versão inglesa profusamente anotada por Henry Yule, Londres, 1903.

PORDENONE, Beato Odorico de — *Itinerarium fratris Odorici Ordinis Fratrum Minorum de mirabilibus orientalium Tartarorum* (título muito variável segundo os numerosos ms. existentes). Vide o texto latino in Wyngaert, *Sinica Franciscana*, e a versão inglesa profusamente anotada de Yule, *Cathay*...

RAMUSIO, Giovanni Battista — *Delle Navigationi et Viaggi*, 3 vols. Veneza, 1550 (reimp. 1554 e 1563). (Nova edição com uma introdução de R. A. Skelton e uma análise do conteúdo pelo Prof. George B. Parks, em inglês, 3 vols., *Theatrum Orbis Terrarum*, Amsterdão, 1967-1970).

RAULIN, Joannes Facundus — *Historia Ecclesiae Malabaricae cum Diamperitana Synodo*, Roma, 1745.

REGO, António da Silva — *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente — Índia*, 12 vols., Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1947-1958.

Relação de José da Índia, pub. por Francanzano de Montalbodo, *Paesi Novamente Ritrovati*...; em versão latina in *Novus Orbis*...; em versão inglesa por William Brooks Greenlee, q. v.

Relação de Mateus (resumo da história da igreja malabar redigida por um jacobita c. 1725) — vide Giamil, *op. cit.*, pp. 552 e seg.

Relação sobre a Serra, feita em 1604, Museu Britânico, ms. Addison 9853, fl. 525 aliás 86 e ss. (microfilmado na Filmoteca Ultramarina Portuguesa).

ROCCO, P. — «La Leggenda di S. Tomaso Apostolo» in *Orientalia Cristiana*, XXXII, 89, pp. 169 e seg., Roma, 1937.

SALOMÃO DE KHILAT, Bispo de Baçorá — *Livro da Abelha*, vide Ernest A. Wallis-Budge.

SCHURHAMMER, S.J., George — *The Malabar Church and Rome during the early Portuguese period and before*, Trichinopoly, 1934 (reimpressão do artigo «Three letters of Mar Jacob bishop of Malabar, 1503-1550» in *Gregorianum*, vol. XIV, Roma, 1933, pp. 62-86 reimpresso também in *Orientalia*, Bibliotheca Instituti Historici S. I., vol. XXI, Roma-Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1968, pp. 333-349).

SEVERAC, Jordão de (Jordanus Catalanus) — *Cartas*, vide Yule, *Cathay*...; Quéfif & Echard, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, I, pp. 549-550; Lucas Waddingues, *Annales Minorum*, VI, Roma, 1736, pp. 359-364. *Mirabilia Descripta*, vide *Recueil des Voyages*, Soc. Geog., Paris, IV, 1839, pp. 1-68; e Sir H. Yule, *Jordanus, a version of the Mirabilia with a commentary*, Hakluyt Society, Londres, 1863.

Sinaxário Etíope — vide E. A. Wallis-Budge.

Sinica Franciscana — vide Anastasius van den Wyngaert, O. F. T.

SOUSA, P.^e Francisco de — *Oriente Conquistado a Jesus Cristo pelos Padres da Companhia de Jesus da Província de Goa*, 2 vols., Lisboa, 1710; reed. por M. Lopes de Almeida, Lello & Irmão, Porto, 1978.

Thomma Parvam — vide P.^e Rocco.

THORPE, Benjamin — *The Anglo-Saxon chronicle*, according to the several original authorities, edited with a translation by ..., vol. I, original texts, vol. II, translation, Londres, 1861.

TRINDADE, Frei Paulo da — *Conquista Espiritual do Oriente*, em que se dá relação de algumas cousas mais notáveis que fizeram os Frades Menores da Santa Província de S. Tomé da Índia Oriental em a pregação da fé e conversão dos infiéis em mais de trinta reinos do Cabo da Boa Esperança até às remontíssimas ilhas do Japão. Introdução e notas de F. Félix Lopes, O. F. M., 3 vols., Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1962-967.

VARTHEMA, Ludovico de — *Itinerário* (primeira tradução portuguesa). Trad., pref. e notas de Vincenzo Spinelli, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1949 (1.^a ed., Roma, 1510; ed. crítica do texto italiano por Paolo Giudici, 2.^a ed., Milão, 1929; versão inglesa anotada por John Winter Jones, *The Travels of Ludovico di Varthema* ..., Hakluyt Society, Londres, 1863).

VITRY, Jacques de — *Jacobi a Vitriaco primum Acconensis deinde Tusculani Episcopi et S.^{ae} Eccl. R. Cardinalis Sedisque Apostolicae in Terra Sancta in Imperio in Francia olim Legati Libro Duo, quorum prior Orientalis siue hierosolymitanae alter Occidentalis Historiae nomine inscribitur*, Douai, 1597.

WALLIS-BUDGE, Ernest A. — *The book of the Bee*, the syriac text edited from the manuscripts in London, Oxford and Munich with an english translation, Clarendon Press, Oxford, 1886.

WALLIS-BUDGE, Ernest A. — *The books of the Saints of the Ethiopian Church*, 4 vols., Cambridge, 1928 (reimp. Georg Olms Verlag, Hidesheim e Nova Iorque, 1976).

WYNGAERT, P.^e Anastasius van den, O. F. M. — *Sinica Franciscana*, vol. I — *Itinera et relationes Fratrum Minorum saeculi XIII et XIV*, Colégio de S. Boaventura, Quaracchi, Florença, 1929.

YULE, Henry — *Cathay and the way thither*. Being a collection of medieval notices of China, translated and edited by ..., with a preliminary essay on the intercourse between China and the western nations previous to the discovery of the Cape Route, 2 vols., Hakluyt Society, Londres, 1866 (nova edição, revista e aumentada por Henry Cordier, 4 vols., *ibidem*, 1913-1916; reimp. Kraus Reprint, Liechtenstein, 1967).

ZINADIM — vide David Lopes.